

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

GABRIELLE ABREU DE OLIVEIRA

***A Mulher da Casa Abandonada: uma Discussão Sobre o Papel do Narrador
em Podcasts Narrativos de True Crime***

São Paulo

2023

GABRIELLE ABREU DE OLIVEIRA

***A Mulher da Casa Abandonada: uma Discussão Sobre o Papel do Narrador
em Podcasts Narrativos de True Crime***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Jornalismo e Editoração, da Escola de
Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo,
para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Vicente

São Paulo

2023

Nome: Oliveira, Gabrielle Abreu.

Título: *A Mulher da Casa Abandonada*: uma Discussão Sobre o Papel do Narrador em Podcasts Narrativos de *True Crime*.

Aprovado em: 10/07/2023

Banca:

Nome: Prof. Dr. Eduardo Vicente

Instituição: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

Nome: Prof. Dr. Eugênio Bucci

Instituição: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

Nome: Carolina Ercolin

Instituição: Rádio Eldorado

AGRADECIMENTOS

À Danielle, minha irmã e pessoa favorita no mundo: por me mostrar que eu sou e posso ser mil e uma possibilidades.

À Paula, minha terapeuta, por me acompanhar no início da minha jornada na vida adulta.

Aos meus amigos Beatriz, Catarina, Kaynã, Matheus e Edson, por terem transformado a ECA em uma experiência que vou lembrar para sempre.

Ao Gabriel, por ter me conhecido no olho do furacão e ter transformado tudo em uma brisa leve.

A todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Ao Luiz Henrique, meu professor de História, na Escola Estadual Martins Pena, por me mostrar que eu poderia sonhar mais alto do que meu eu de quinze anos poderia imaginar.

À Janaína Lima, por possibilitar que eu entrasse em um cursinho popular e estudasse para o vestibular, resgatando a educação que me foi parcialmente negada ao longo dos anos.

Ao meu pai, José Carlos, que me presenteava com livros usados durante minha infância e adolescência, alimentando em mim essa paixão inabalável.

À minha mãe, Marcia, uma mulher incrível que, à sua maneira, estimulou-me a ser quem sou hoje.

A todos que me ofereceram um ombro amigo, um conselho ou um incentivo e que não permitiram que eu morresse na praia em minha sede de perfeccionismo e no meu medo de falhar.

Falhar, sem sombras de dúvidas, é não tentar. E, felizmente, eu tentei.

*“O jornalismo, no seu melhor nível,
muitas vezes, envolve riscos éticos.”*

Eugene H. Goodwin

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a construção e a repercussão do podcast narrativo *A Mulher da Casa Abandonada* como uma produção brasileira de *true crime*, de forma a refletir sobre a prática jornalística nesse formato e temática, e os limites da narrativa em *storytelling*, alinhada ao jornalismo em primeira pessoa, como técnica para informar. Para tanto, adotaremos uma abordagem metodológica embasada em referencial teórico-bibliográfico sobre podcasts, *true crime*, jornalismo em primeira pessoa e ética jornalística. O podcast analisado desafia valores jornalísticos tradicionais, como a imparcialidade e a objetividade. Embora seja possível seguir os preceitos da profissão dentro de um modelo que incorpora a subjetividade, a produção evidencia as potenciais armadilhas do jornalismo em primeira pessoa e abre oportunidades para novos estudos sobre as definições e fronteiras entre jornalismo e contação de histórias.

Palavras-chave: *true crime*, podcasts narrativos, ética jornalística, *A Mulher da Casa Abandonada*

ABSTRACT

This research aims to analyze the construction and impact of the narrative podcast *A Mulher da Casa Abandonada* as a Brazilian production of true crime, in order to reflect on journalistic practice in this format and theme, as well as the limits of storytelling narrative aligned with first-person journalism as a technique for informing. Therefore, we will adopt a methodological approach based on theoretical and bibliographic references on podcasts, true crime, first-person journalism and journalistic ethics. The analyzed podcast challenges traditional journalistic values such as impartiality and objectivity. While it is possible to adhere to professional principles within a model that incorporates subjectivity, the production highlights potential pitfalls of first-person journalism and opens opportunities for further studies on definitions and boundaries between journalism and storytelling.

Key-words: true crime, narrative podcast, ethical journalism, *A Mulher da Casa Abandonada*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 – ONDE NASCEM OS PODCASTS	11
1.1 Dos Estados Unidos para o Mundo: a Herança de <i>Serial</i>	14
1.2 O <i>True Crime</i> para Além do Podcast	16
2 – O <i>TRUE CRIME</i> NOS OUVIDOS DOS BRASILEIROS	18
2.1 O Jornalismo em Primeira Pessoa	19
3 – CONHECENDO A MULHER DA CASA ABANDONADA	22
3.1 O Caso na Luz da Teoria de <i>True Crime</i>	23
3.2 O Narrador de Chico Felitti	27
3.2.1 <i>Envolvimento com o Fato Narrado</i>	28
3.2.2 <i>Compartilhamento de Opinião</i>	28
3.2.3 <i>Compartilhamento de Sentimentos e Sensações</i>	29
4 – A ÉTICA PRESENTE EM A MULHER DA CASA ABANDONADA	31
4.1 O Fenômeno da Casa Abandonada	31
4.2 A Relação entre Fonte e Jornalista	36
4.2.1 <i>A Construção da Confiança</i>	37
4.2.2 <i>A Busca pela Entrevista</i>	39
4.3 A Entrevista	40
4.3.1 <i>A Condução da Entrevista</i>	41
4.3.2 <i>Reflexão da Conduta Jornalística</i>	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Em 8 de junho de 2022, a *Folha de S.Paulo* lança o podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, produzido pelo jornalista Chico Felitti. No mês seguinte, a produção passa a configurar como a primeira da lista que contabiliza as 100 produções com a maior média de *downloads* semanais da América Latina, de acordo com dados da Triton¹. O assunto se tornou uma tendência no TikTok, com milhões de visualizações em vídeos feitos por usuários da rede social, e posteriormente se tornou tema de reportagens nas principais emissoras de televisão brasileiras.

O podcast conta a história de Margarida Bonetti, uma brasileira indiciada nos Estados Unidos, nos anos 2000, por manter sua empregada doméstica, também brasileira, de forma ilegal no país e em regime de trabalho análogo à escravidão. Bonetti conseguiu retornar ao Brasil sem responder às autoridades norte-americanas e tem vivido desde então em uma mansão degradada pelo tempo no bairro de Higienópolis, em São Paulo.

Nesta pesquisa, apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o objetivo é analisar a construção e a repercussão do podcast narrativo *A Mulher da Casa Abandonada* como uma produção brasileira de *true crime*. O problema de pesquisa que orienta esse estudo consiste em refletir sobre a prática jornalística, nesse formato e temática, e os limites da narrativa em *storytelling*, alinhada ao jornalismo em primeira pessoa, como técnica para informar.

Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos:

- I. Entender como a subjetividade foi utilizada como componente da narrativa.
- II. Investigar como a narrativa em *storytelling*, alinhada ao jornalismo em primeira pessoa, pode influenciar na repercussão da produção.
- III. Compreender a relação entre fonte e jornalista construída por Chico Felitti e Margarida Bonetti.

No primeiro capítulo, aborda-se a origem e ascensão do podcast como um fenômeno *mainstream*, resgatando a herança norte-americana dos podcasts narrativos e sua relação com o gênero *true crime*.

No segundo capítulo, inicia-se a investigação no contexto brasileiro, buscando compreender como o gênero se consolidou no país. Nesse ponto, são estudados os aspectos constitutivos dos podcasts narrativos de *true crime*, incluindo o jornalismo em primeira pessoa e o uso da técnica do *storytelling*.

¹ Disponível em: <https://www.tritondigital.com/resources/podcast-reports>. Acesso em: 9 mar. 2023.

Entrando no objeto de estudo, o terceiro capítulo apresenta o podcast *A Mulher da Casa Abandonada* como uma produção de *true crime* alinhada à teoria de Ian Punnet (2018), a qual caracteriza o gênero. Também trabalha o discurso em primeira pessoa, analisando o papel do narrador, desempenhado por Felitti, como jornalista e personagem na produção.

No quarto capítulo, investiga-se a influência do jornalismo em primeira pessoa na repercussão do podcast, bem como a relação estabelecida entre Bonetti e Felitti na posição de fonte e jornalista, respectivamente. Também analisaremos a conduta jornalística de Felitti na entrevista exclusiva de Bonetti para o podcast.

Para a realização desta pesquisa, adota-se como metodologia a abordagem de referencial teórico-bibliográfico que versa sobre podcasts, *true crime*, jornalismo em primeira pessoa e ética jornalística. A leitura desse conteúdo permitiu a construção da análise que responde ao problema desta pesquisa.

Além disso, foi feito um levantamento das reportagens realizadas pelas principais emissoras brasileiras que abordaram o tema durante o lançamento do podcast e seus desdobramentos posteriores, com o intuito de analisar a repercussão televisiva do caso.

Por fim, é importante ressaltar que esta pesquisa não pretende esgotar todas as possibilidades de análise da produção, incluindo os efeitos posteriores no mercado de podcast narrativos no país. No entanto, espera-se que os resultados obtidos possam contribuir para estudos futuros sobre o papel do jornalista em podcasts narrativos desse gênero.

1 – ONDE NASCEM OS PODCASTS

Em 2004 é usado, pela primeira vez na história, o termo podcast a partir da fusão das palavras *broadcast*, ou transmissão, e iPod, media player da marca Apple, popular no início dos anos 2000, cuja sigla significa *Personal on Demand*. Foi Ben Hammersley que começou o processo de conceituação do que, na época, era referenciado como uma espécie de rádio amador. O artigo de Hammersley para o jornal britânico *The Guardian*, em 12 de fevereiro de 2004, já traz importantes sinalizações sobre o que o podcast representaria quase 20 anos depois.

A liberdade dada ao ouvinte, de poder escolher quando e onde ouvir sua programação favorita, está se tornando extremamente popular. Adicione isso ao feedback promovido pelo público cada vez mais experiente online que está pesquisando essas coisas e você terá uma mistura potente. (HAMMERSLEY, 2004, tradução nossa)²

Embora Hammersley tenha sido o primeiro a utilizar o termo, segundo Berry (2006, p.151, *apud* VICENTE, 2018, p.90), foi só com Adam Curry que a denominação passou a sugerir a prática específica de distribuir episódios por meio do agregador *Really Simple Syndication* (RSS), o que consiste, de fato, em uma inovação para o período. “É essa prática da assinatura de conteúdos de mídia por meio do RSS para posterior *download* que recebeu a denominação de podcasting³”.

No início, o conteúdo era predominantemente de sequências de músicas ou audioblogs, que consistiam em monólogos sem edição. Essa fase não durou muito tempo e a sofisticação veio por meio da mescla de locuções, efeitos sonoros e trilhas, de acordo com Marcelo Kischinhevsky (2018, p.77). Ainda de acordo com o autor, é nessa fase que o podcasting passou a engrossar o tráfego na internet, “impulsionando uma nova lógica de consumo de conteúdos radiofônicos⁴”.

Sendo uma inovação para a época, o podcast só se tornou um meio para consumo de massa e uma prática comercial produtiva a partir da segunda década dos anos 2000, impulsionado pelo rápido avanço tecnológico que marcou o período (BONINI, 2015, p.24). Clara Rellstab (2022, p.32) elenca os principais fatores que impulsionaram o consumo do formato, sendo o advento e popularização dos *smartphones*, a ascensão dos serviços de

² Do original: “The freedom given to the listener, of being able to choose when and where to listen to their favourite programming is proving extremely popular. Add that to the feedback fostered by the increasingly online-savvy listenership that are searching these things out, and you have a potent mix.”

³ *Ibidem*.

⁴ *Ibidem*.

streaming, a melhora na qualidade da internet, a ampliação de sua distribuição geográfica e a possibilidade de o cidadão-comum desenvolver seu próprio produto.

Ainda em sua pesquisa, Rellstab tenta encontrar o que, no campo da linguagem, diferenciaria o podcast do rádio. A partir de uma série de entrevistas com pesquisadores do rádio e radiojornalismo, a pesquisadora chegou à conclusão de que, embora a linguagem do podcast não seja uma mera cópia do que é feito no rádio tradicional, “tampouco apresenta originalidade o bastante para se consolidar como uma linguagem totalmente inovadora” (RELLSTAB, 2022, p.30).

Nesta série de depoimentos, contudo, a opinião do professor Alvaro Bufarah (RELLSTAB, 2022, p.33) trouxe um ponto importante: no podcast nós quebramos a relação entre espaço e tempo de consumo. Esse é um pensamento já sinalizado por Gisela Swetlana Ortriwano, em 1985, quando pontuou que, “quando o rádio se tornou livre dos fios e tomadas, deixou de ser um meio de recepção coletiva e acabou por se tornar um meio de recepção individual” (*apud* RELLSTAB, 2022, p.31).

Consumir podcast hoje significa, para 95% dos ouvintes brasileiros, realizar outras atividades simultaneamente, de acordo com pesquisa da Associação Brasileira de Podcasters (Abpod) em parceria com a Rádio CBN em 2018⁵. Ainda de acordo com a pesquisa, para mais da metade dos ouvintes, ouvir podcast é ter uma companhia durante atividades domésticas, função antes delegada para o rádio. Esse é o cenário do terceiro país que mais ouve podcast do mundo, sendo mais de 30 milhões de ouvintes, de acordo com estudo divulgado pela Statista⁶.

Para entender como os podcasts se popularizaram no Brasil, fora os aspectos já mencionados a respeito do avanço tecnológico, é válido destacar o papel do jornalismo na equação. Falcão e Temer (2019, p.4) levantam a hipótese de que, apesar dos podcasts alternativos — entende-se produções fora das grandes empresas e corporações — existirem no Brasil desde 2004, o podcast, sob o aspecto do jornalismo, só ganha força quando incorporado à programação de grandes jornais como *O Estado de São Paulo* e a *Folha de S.Paulo* nos anos de 2017 e 2018.

Rellstab (2022) mapeou em sua pesquisa os gêneros de podcasts existentes no Brasil hoje. O primeiro podcast brasileiro que se tem conhecimento foi lançado em 2004, chamado *Digital Minds*, no formato de bate-papo. De lá para cá, a pesquisadora mapeou outros sete formatos que foram sendo desenvolvidos ao longo do tempo: as pílulas, a mesa-redonda (ou o debate), o

⁵ Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso em: 30 mar. 2023.

⁶ Disponível em: <http://bit.ly/3K0VAVJ>. Acesso em: 30 mar. 2023.

noticiário jornalístico (radiojornal), a entrevista, o entretenimento (ou programas de variedade), o narrativo ficcional, e por último, e mais importante para essa pesquisa, o narrativo não ficcional ou podcast narrativo (especial radiofônico).

Na definição de Rellstab, o gênero narrativo não ficcional ou podcast narrativo, nada mais é do que o “audiocumentário pautado nas boas regras do jornalismo tradicional” (2022, p.49). Na análise de Rellstab (2022, p.51), o podcast narrativo

é entendido como aquele que apresenta mais possibilidades para análise entre as linguagens radiojornalística e cinematográfica, — em especial, os mistérios que ainda rondam a construção dos roteiros destas Narrativas Não Fissionais, documentos ainda pouco divulgados, estudados e, conseqüentemente, dependentes da literatura destinada à escrita para as telonas.

Para Rellstab, o gênero tem sua herança na literatura e flerta com o cinema, visto que, no cenário nacional, a título de exemplificação, há maior presença de profissionais do cinema em produções de podcasts narrativos do que profissionais do rádio, ou do jornalismo (2022, p.50). Em complemento, também há dificuldade em encontrar manuais de roteiro em português para a produção de podcasts, e os que existem ficam reféns do que já é ensinado em manuais de cinema e televisão (2022, p.52). Marcia Detoni (2018) sinaliza que, a busca por uma estrutura dramática, herança do cinedocumentário e do radiodocumentário americano, foi o que ajudou a impulsionar o sucesso dos podcasts com narrativas não ficcionais (p.14).

Para Kischinhevsky (2018), autor do termo radiojornalismo narrativo, as experiências vividas em narrativas sonoras vêm do já consagrado jornalismo narrativo, definido por Edvaldo Pereira Lima (2014) como uma modalidade que “procura oferecer ao leitor um mergulho sensorial na realidade” (p.121).

Ainda de acordo com Kischinhevsky (2018), essas narrativas foram empregadas popularmente em produções que “abordam crimes ou envolvem investigações marcadas por controvérsias, sempre histórias reais que tiveram alguma cobertura da imprensa, mas não com a devida profundidade” (*apud* VIANA, 2020, p.294), o que aponta uma linha direta entre podcasts narrativos e o gênero *true crime*.

O *true crime* entra em destaque no universo dos podcasts narrativos quando *Serial*⁷ é lançado em 2014. O programa criado por Sarah Koenig, uma das produtoras de *This American Life* (TAL)⁸ — programa de rádio norte-americano, de 1995, produzido por Ira Glass —, retoma

⁷ Disponível em: <https://serialpodcast.org/>. Acesso em: 26 mar. 2023.

⁸ Disponível em: <https://www.thisamericanlife.org/>. Acesso em: 26 mar. 2023.

o caso de Adnan Syed, filho de imigrantes paquistaneses, residente em Baltimore (EUA), julgado e condenado pelo assassinato de sua ex-namorada, Hae Min Lee.

O podcast quebrou o recorde do iTunes, tornando-se a produção mais rápida a alcançar cinco milhões de *downloads*, além de colecionar os principais prêmios jornalísticos norte-americanos (VICENTE; SOARES, 2020, p.9). A série alcançou 300 milhões de *downloads* no mundo todo em apenas quatro anos⁹. Além disso, arrecadou cerca de US\$10 milhões de dólares com publicidade em cada uma das duas primeiras temporadas, conforme noticiado pela mídia brasileira¹⁰. Os números indicam o grande sucesso. Kischinhevsky categoricamente afirma que *Serial* foi “o grande responsável pela transformação do podcasting em um fenômeno *mainstream*” (2018, p.78).

1.1 Dos Estados Unidos para o Mundo: a Herança de *Serial*

Para resgatar o histórico de *Serial* que explique o surgimento e sucesso do programa, precisamos falar antes sobre *This American Life* (TAL) e o surgimento da *National Public Radio* (NPR). A história de TAL começa em 1995, quando Ira Glass coloca na programação da NPR, aos fins de semana, um programa com relatos de pessoas comuns sobre acontecimentos que marcaram suas vidas. A própria descrição do programa indica que TAL “lança um olhar íntimo sobre o drama do homem comum”¹¹.

O programa utiliza técnicas de ficção como cenas, personagens e outros recursos narrativos, como a dramatização. Para Detoni (2018) foi justamente esse último recurso que foi o responsável não só pelo sucesso mundial de *Serial*, como também de outros podcasts narrativos não ficcionais.

A busca por uma estrutura dramática aproxima ao radiodocumentário americano do cinedocumentário e do jornalismo literário. O objetivo não é meramente informar; mas sensibilizar, revelar, compartilhar uma experiência, mudar a percepção sobre algo. (p.14)

Atualmente, TAL é um dos programas de rádio mais populares nos EUA, sendo transmitido por mais de 500 emissoras da rede pública, além de ser um dos podcasts mais ouvidos no país, com média de 2,4 milhões de *downloads* por episódio (DETONI, 2018, p.37). O que destacava a NPR de outras redes de rádio norte-americanas desde sua inauguração em

⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3LTuqmg>. Acesso em: 26 mar. 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/link/pedro-doria/o-boom-dos-podcasts/>. Acesso em: 30 mar. 2023.

¹¹ Do original: “*This American Life takes an intimate look at the drama of the Everyman*”. Disponível em: <https://www.wnyc.org/shows/american-life>. Acesso em: 26 mar. 2023.

1971, era o espaço para produções independentes e para a experimentação, como o programa *All Things Considered* (ATC), lançado duas semanas depois da inauguração da rede, permitindo que “o som contasse a história, com tempo suficiente para o relato em profundidade” (HARDY, DEAN, 2006 *apud* DETONI, 2018, p.32).

No programa, cada episódio narra as “maiores histórias do dia, comentários inteligentes, recursos perspicazes sobre o peculiar e o *mainstream* nas artes e na vida, música e entretenimento, tudo trazido à vida por meio do som”¹². O ATC, na década de 1970, representava o rompimento de um modelo tradicional — composto por narrador e sonora —, para a experimentação de novos formatos. Segundo Detoni, o ATC marcou “o renascimento do radiodocumentário no país” (2018, p.32). O pensamento é corroborado por Mia Lindgren quando afirma que os produtores ligados à NPR “têm conduzido a fase inicial da revolução dos podcasts” (2020, p.115).

Com o resgate da narrativa para o rádio por meio dessas experimentações e o advento das novas tecnologias que expandiram o alcance do podcast, firmou-se um terreno fértil para *Serial* e outras produções do gênero estrearem. Segundo relatório da Stitcher¹³, com análise da evolução e crescimento do podcasting nos últimos dez anos, os podcasts de minisséries — formato no qual *Serial* está incluso — cresceram de quatro em 2010 para mais de 52 mil programas em 2020.

No que se trata do consumo, o relatório *Spoken Word Audio Report* de 2022, realizado anualmente a partir de uma parceria entre a NPR e a *Edison Research*¹⁴, indica que a participação de norte-americanos ouvindo podcasts aumentou no ano de 2022 em todas as faixas etárias, com destaque para as idades de 13 a 34 anos. Com relação ao consumo semanal, *true crime* aparece em terceiro nos gêneros mais ouvidos pela população norte-americana na faixa de 18 a 24 anos (aumento em torno de 20%), e como quarto gênero mais ouvido pelos norte-americanos com mais de 25 anos (aumento em torno de 19%).

No retrato econômico, vemos que o mercado de podcast faturou cerca de US\$ 1,28 bilhão, em 2021, o que representa um aumento de 30% em relação a 2020, de acordo com estimativas levantadas pela pesquisa da *Interactive Advertising Bureau* (IAB) e da PwC¹⁵.

¹² Do original: “[...] each show consists of the biggest stories of the day, thoughtful commentaries, insightful features on the quirky and the mainstream in arts and life, music and entertainment, all brought alive through sound”. Disponível em: <https://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=5002>. Acesso em: 5 abr. 2023.

¹³ Disponível em: <https://bit.ly/3zDGccZ>. Acesso em: 6 abr. 2023.

¹⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3KF4b1N>. Acesso em: 6 abr. 2023.

¹⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3Ms4nCO>. Acesso em: 6 abr. 2023.

Mesmo com os dados que comprovam o sucesso estrondoso de *Serial*, ainda não se respondeu, nesse capítulo, o que gerou essa repercussão. Qual é o fascínio por trás das histórias sobre crimes reais, que tornaram um meio de consumo com mais de 10 anos de existência, mundialmente conhecido?

1.2 O *True Crime* para Além do Podcast

Embora Koenig tenha sido aceita, de forma geral, como uma jornalista pioneira da narrativa do *true crime*, o gênero tem sua origem bem antes do sucesso de *Serial*, como aponta Ian Punnet (2018) em seu livro *Toward a Theory of True crime Narratives: A Textual Analysis*. De acordo com o autor, o *true crime* tem suas raízes no intelectualismo do Iluminismo e o emocionalismo do Romantismo (2018, p.35).

O *true crime* esteve, desde o começo, dividido entre o dito jornalismo tradicional e o *new journalism*, gênero surgido nos anos 1960, nos Estados Unidos, que buscou “introduzir histórias de vida, perspectivas autorais e pontos de vista subjetivos em contraposição às apregoadas objetividade e isenção jornalísticas” (VICENTE; SOARES, 2020, p.17). Na análise de Punnet, inclusive, o novo jornalismo não pode ser isolado, como se fosse um gênero separado do *true crime* (2018, p.62).

Antes de chegar ao jornalismo da década de 1960, especialmente no início da América, o *true crime* tem um papel crucial na criação de sentido por meio dos sermões lidos em voz alta para assassinatos socialmente aceitos. Segundo Punnet, “um sermão devidamente executado era tão importante para a sociedade americana primitiva quanto um criminoso devidamente executado”¹⁶ (2018, p.10, tradução nossa).

Após a industrialização dos Estados Unidos, os sermões de execução passaram a tomar a forma de reportagens em jornais e livros ilustrados baratos (CULLEN, 2013, *apud* PUNNET, 2018, p.9). Esses materiais eram focados em crimes violentos, apelando para o sensacionalismo — palavra inventada no século XIX e originalmente usada como um termo pejorativo para denunciar trabalhos de literatura ou jornalismo destinados a provocar reações emocionais no público (WILTENBURG, 2004, *apud* PUNNET, 2018, p.15). Foi precisamente nessa época em que se adota um “clima de crime e medo do crime” na sociedade (GODTLAND, 2013, *apud* PUNNET, 2018, p.11, tradução nossa).

¹⁶ Do original: “A properly executed sermon was as important to early American society as a properly executed criminal.”

Sendo por definição um “gênero multiplataforma ocasionalmente controverso que é mais frequentemente associado a narrativas de assassinato”¹⁷ (PUNNET, 2018, p.4, tradução nossa), o *true crime* compartilha alguma herança com o jornalismo, mas motivado por impulsos diferentes. Foi a partir da exploração de histórias de assassinatos que as revistas e tabloides — imprensa diária com apelo operário —, passaram a ser vistas pela “imprensa legítima” — ou seja, a que perseguia a objetividade — como prática antiética, como bem definiu Punnet (2018).

A obsessão do jornalismo moderno com a retórica sistêmica revela que, pelo menos, o jornalismo foi/é orientado em torno do estruturalismo. No extremo oposto, a ênfase emocionalizada e não científica do *true crime* torna-o antitético às reivindicações estruturalistas e modernistas do jornalismo à objetividade; no entanto, o *true crime* nunca poderia ser “pós-moderno” porque a forma começou centenas de anos antes do período da modernidade¹⁸. (p.38, tradução nossa)

Essa ruptura entre o jornalismo e o gênero *true crime* perdura até os dias atuais, embora com outras nuances. O tema passou a ser explorado em diversos formatos: livros, séries documentais, podcasts e programas televisivos. A partir dos anos 1980, livros do gênero surgiram como uma categoria separada de publicação (PUNNET, 2018, p.17).

Partindo para a questão da ruptura do jornalismo com o *true crime* no contexto de *Serial*, esse foi tema de debate com repercussão nacional em que jornalistas e acadêmicos discutiram se a pesquisa e a abordagem narrativa da apresentadora constituíam um bom jornalismo (PUNNET, 2018, p.148). Ressaltamos aqui que o bom jornalismo que Punnet cita trata do culto à objetividade do jornalismo moderno.

Para o autor, foi a aceitação entusiástica do formato “blogueiro” na narração (2018, p.154) que fez de *Serial* um triunfo do gênero, ou seja, o fato de Koenig, como jornalista, ter compartilhado pensamentos e pontos de vista ao mesmo tempo em que pesquisava a história. Essa observação será importante adiante, ao trabalharmos o jornalismo em primeira pessoa, aspecto presente em podcasts narrativos do gênero.

¹⁷ Do original: “By definition, true crime is an occasionally controversial multi-platform genre that is most often associated with murder narratives and shares some common heritage with journalism, but is driven by different impulses.”

¹⁸ Do original: “Modern journalism’s obsession with systemic rhetoric reveals that, at very least, journalism was/is orientated around structuralism. On the opposite end, true crime’s emotionalized, non-scientific emphasis on “story-ness” makes it antithetical to journalism’s structuralist, modernistic claims to objectivity; yet, true crime could never be “postmodern” per se because the form began hundreds of year before the period of modernity.”

2 – O *TRUE CRIME* NOS OUVIDOS DOS BRASILEIROS

Como vimos no capítulo anterior, os podcasts narrativos de *true crime* constroem sua história em solo norte-americano. Já no Brasil, o gênero demora para se consolidar nesse formato. Detoni (2018) introduz sua pesquisa de pós-doutorado afirmando que o radiodocumentário é pouco conhecido no Brasil, chega a faltar informações em português sobre o tema, mas acrescenta que “as transformações tecnológicas dos últimos tempos e os novos hábitos de escuta ‘on demand’ favoreceram as narrativas não ficcionais, abrindo oportunidades para conteúdos mais criativos” (p.3).

De maneira geral, pesquisadores apontam que a geração de podcasts narrativos hoje se inspiram em TAL. No cenário brasileiro, *Serial* é, de fato, uma referência para produções do gênero, conforme declarou Ivan Mizanzuk, idealizador do *Projeto Humanos* (2015), podcast de jornalismo narrativo que promete “histórias reais sobre pessoas reais”, em uma postagem publicada no Twitter, em 2018¹⁹.

O tema da 4ª temporada do programa intitulado “O Caso Evandro ou As Bruxas de Guaratuba”²⁰, de 2018, conta a história do desaparecimento do menino Evandro Ramos Caetano, na cidade de Guaratuba, no litoral do Paraná, em 06 de abril de 1992. Poucos dias depois, seu corpo foi encontrado sem as mãos, cabelos e vísceras. A polícia suspeita de um ritual satânico. Mizanzuk parte daí o desenvolvimento de todos os acontecimentos em torno do caso. Baseado no podcast de Mizanzuk, foi desenvolvido um documentário homônimo em 2021 pelo Grupo Globo, o qual, em 2022, foi indicado ao Emmy Internacional.

No cenário atual, não é raro encontrar produções de podcasts narrativos sobre *true crime* que se desdobram em produções audiovisuais. Outro podcast que segue por esse mesmo caminho é o *Praia dos Ossos*²¹, de 2020, feito por Branca Vianna para a Rádio Novelo. A produção versa sobre o assassinato da socialite brasileira Ângela Diniz em uma casa na Praia dos Ossos, em Búzios, no Rio de Janeiro, pelo então namorado Doca Street, réu confesso, em 30 de dezembro de 1976. Neste ano, a Amazon Prime Video adquiriu os direitos para a produção de uma minissérie baseada no podcast²².

Com a pandemia da Covid-19, houve um impulsionamento do consumo desse conteúdo. No Brasil, na comparação entre o primeiro semestre de 2021 e o mesmo período de 2022,

¹⁹ Disponível em: <https://twitter.com/mizanzuk/status/1065659184102998021>. Acesso em: 25 de mar. 2023.

²⁰ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/temporada/o-caso-evandro/>. Acesso em: 17 de abr. 2023.

²¹ Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/>. Acesso em: 17 de abr. 2023.

²² Disponível em: <http://glo.bo/41hzplB>. Acesso em: 17 de mar. 2023.

ocorreu um aumento de 52% no consumo de programas em áudio do gênero, de acordo com dados divulgados pela *Carta Capital*²³. Ainda segundo a apuração do veículo, só no Spotify — serviço de *streaming* de música, podcast e vídeo —, há pelo menos 50 opções de podcasts brasileiros dedicados ao tema.

Embora recente para o formato podcast, o *true crime* já esteve presente na televisão dos brasileiros desde o começo dos anos 2000, com o programa Linha Direta, que ocupou horário cativo na grade noturna da TV Globo entre 1999 e 2007. O canal Arquivos Linha Direta, no Youtube²⁴, reúne os episódios do programa e conta, na data da publicação deste trabalho, com 83,7 mil inscritos. Prova de que o gênero tem encontrado espaço para crescer nos últimos anos é que o programa volta à grade da Rede Globo este ano, reformulado com a incorporação de inovações tecnológicas e sob o comando do jornalista Pedro Bial²⁵.

Sendo um gênero já explorado em produções de áudio brasileiras, buscaremos investigar no próximo subcapítulo, quais são os aspectos constitutivos do podcast narrativo de *true crime*, com foco no cenário brasileiro.

2.1 O Jornalismo em Primeira Pessoa

Estando as narrativas pessoais intrinsecamente ligadas à natureza íntima do meio sonoro (LINDGREN, 2020, p.115), é justificável que o espaço personalizado de escuta criado por fones de ouvido traga os ouvintes para mais próximo das histórias contadas pelo som. Conforme argumenta Luana Viana (2021), “com a intimidade, vem a informalidade, então, para o autor [Richard Berry (2019)], podcasts são uma forma íntima de mídia que assume um tom informal de conversa” (p.1).

É a partir dessa informalidade que o podcast tem proporcionado a ascensão de um personagem central nos relatos jornalísticos: o do próprio jornalista (VIANA, 2021, p.10). Ao analisar as produções da *Rádio Ambulante* e do *Projeto Humanos*, Kischinhevsky (2018) aponta, em caráter exploratório, alguns aspectos constitutivos de podcasts narrativos, dentre eles, o uso da primeira pessoa,

recorrente pelos apresentadores, que não se furtam a verbalizar suas dúvidas, impressões e opiniões, embora sempre tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados ao jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos. (p.79)

²³ Disponível em: <https://bit.ly/3sRhUJn>. Acesso em: 26 de out. 2022.

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/@ArquivoLinhaDireta/videos>. Acesso em: 17 de mar. 2023.

²⁵ Disponível em: <https://gente.globo.com/infografico-a-onda-de-true-crimes/>. Acesso em: 22 de abr. 2023.

Na contemporaneidade, percebe-se a ascensão de narrativas em que o jornalista recorre ao uso da primeira pessoa, trazendo recursos da subjetividade como ferramentas para a construção de relatos, “principalmente para os que envolvem descrição, interpretação e aprofundamento dos acontecimentos” (VIANA, 2021, p.7). Além disso, essas narrativas afastam o repórter da figura onisciente e onipresente, herança do jornalismo objetivo. “O narrador, agora, se coloca como um contador de histórias. Não tem mais a impessoalidade solene da ‘voz de Deus’, nem a postura objetiva do repórter” (DETONI, 2018, p.37).

O narrador em primeira pessoa vive sempre no tempo presente da narrativa. O que ele narra é o que está acontecendo na hora, e ele está sempre presente na ação dos acontecimentos. Esse recurso é importante porque ajuda a manter a atenção do ouvinte, que tem a experiência de seguir os passos do narrador e compartilhar seus pensamentos e emoções.

Essa mudança de posição do narrador vem a partir do sucesso de TAL, que incentivou vários produtores a relatarem histórias reais usando a figura do contador de histórias (DETONI, 2018). Alinhado ao *storytelling*, técnica predominante em podcasts narrativos, o personagem tem papel fundamental na narrativa, visto que deixa de ser meramente uma fonte de informação para virar o foco dela (LIMA, 2014, p.121).

Vicente e Soares (2020) também compartilham da ideia de que os personagens possuem papel central na narrativa, e estendem essa importância para o narrador. Para os autores, os podcasts narrativos buscam contar histórias em que “a narração — o modo de contar — e o narrador — aquele que conta — tornam-se tão centrais como os personagens ou aquilo que é contado” (p.3).

Viana (2021, p.6) acrescenta que, “ao usar a primeira pessoa, o jornalista torna-se personagem da história que conta, assim como o próprio jornalismo, já que são evidenciados os processos de apuração decorrentes da busca pelo esclarecimento dos fatos narrados”. Segundo na mesma linha, Araújo (2017) argumenta que, quando as histórias reais são narradas a partir do ponto de vista do repórter, este é, “antes de testemunha, personagem da narrativa jornalística” (p.40).

No que trata do posicionamento do personagem a partir do jornalista em podcasts narrativos, Viana (2022) identificou dois tipos:

- 1) o personagem, sendo aquele que fala de si e que relata experiências pessoais que não estão diretamente relacionadas com o caso, ou que quando relacionadas ao acontecimento trazem à tona opiniões pessoais baseadas na sua formação enquanto indivíduo; e 2) o jornalista propriamente dito, quando aponta os processos jornalísticos e as escolhas que faz durante a apuração, evidenciando a sua formação profissional. (*apud* JÁUREGUI, VIANA, 2022, p.9)

O jornalismo em primeira pessoa, termo utilizado por Viana (2021, p.12), rompe com as técnicas tradicionais — discurso hegemônico da objetividade como matriz fundadora e afirmação de credibilidade do jornalismo moderno (ARAÚJO, 2017, p.34) —, mas não rompe com o compromisso de apuração e verificação das informações, sinalizando que é possível utilizar a subjetividade sem ferir os princípios norteadores do jornalismo.

Para alguns pesquisadores, a subjetividade, quando refere-se a uma forte presença autoral, sempre esteve presente no jornalismo, visto que, ao pensar o jornalismo a partir da cultura, ele é, ao mesmo tempo, constituído por subjetividades partilhadas e constituidor dela (ARAÚJO, 2017, p.38). Segundo Lindgren (2020, p.114), em nenhum outro lugar, a tendência do jornalismo confessional²⁶ — termo cunhado por Rosalind Coward (2013) — é mais óbvia que nos desenvolvimentos recentes do podcasting, “em que podcasts dos EUA apontam o caminho com abordagens pessoais e subjetivas de narrações”.

Tendo em vista o discurso hegemônico da busca pela objetividade, a abordagem da narrativa pessoal em áudio levanta discussões acerca do uso da subjetividade frente a princípios intrínsecos ao jornalismo, como a confiança, imparcialidade e independência (LINDGREN, 2020, p.132). Requer-se dos ouvintes, portanto

[...] a consciência aguda sobre o podcast como um artefato e uma habilidade bem desenvolvida para entender criticamente o que ouvem enquanto seguem os apresentadores transitando com desembaraço das “especulações selvagens” e opiniões aos fatos. (LINDGREN, 2020, p.132)

Analisando brevemente o caso de *Serial*, Lindgren resgata que Koenig recebeu muitas críticas por “apresentar histórias profundamente pessoais de vida e morte de pessoas reais como entretenimento” (2020, p.120). Por outro lado, a forma como a jornalista se envolveu na história e deixou transparecer os bastidores do fazer jornalístico, “encorajou um crescente letramento em torno do processo produtivo de rádio e podcasts”. Essa dualidade de opiniões será investigada no objeto de estudo desta monografia, apresentado no próximo capítulo.

²⁶ Rosalind Coward vai explorar as tendências do jornalismo confessional no livro *Speaking Personally: the Rise of Subjective and Confessional Journalism* (2013).

3 – CONHECENDO A MULHER DA CASA ABANDONADA

Para entender o cenário dos podcasts narrativos de *true crime* no Brasil, essa pesquisa utilizará como objeto de estudo o podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, produzido e narrado pelo jornalista Francisco Dias Felitti, conhecido como Chico Felitti, para a *Folha de S.Paulo*. Em sete episódios, a história investiga a vida de Margarida Bonetti, uma brasileira acusada de ter cometido um crime hediondo nos Estados Unidos há mais de 20 anos e que nunca foi julgada. Na data da publicação do podcast, em 1º de julho de 2022, Bonetti morava em uma mansão degradada em Higienópolis, um dos bairros mais ricos de São Paulo.

Longe de ser a primeira produção em formato de podcast da *Folha de S.Paulo*, *A Mulher da Casa Abandonada* pode ser considerada a primeira produção do veículo no formato de podcast narrativo do gênero *true crime*, conforme será analisado com maior profundidade.

De acordo com o próprio veículo, a série em podcast apresentada por Felitti “se consolida como marco da produção brasileira em áudio”²⁷. Esse resultado pode ser ilustrado em números: no Spotify, o programa esteve no topo do ranking dos podcasts mais ouvidos do Brasil de 10 de junho, dois dias após o lançamento, até 19 de junho, 6 dias após o lançamento do penúltimo episódio. No Brasil, *A Mulher da Casa Abandonada* atingiu os rankings das principais plataformas, além de angariar um público de 3 milhões de ouvintes por episódio²⁸.

Segundo dados da Triton²⁹, empresa de publicidade e tecnologia de áudio digital, o podcast configurou como primeiro da lista das 100 produções com a maior média de *downloads* semanais na América Latina durante o mês de julho, com 1,7 milhões de *downloads*. Em junho, mês de inauguração e com quatro episódios publicados, esteve em 4º lugar da lista, com média de 389,6 mil *downloads* semanais.

De acordo com o Google *Trends*, do dia que o podcast foi lançado ao dia do último episódio, o nome “Margarida Bonetti” foi pesquisado no Google em todos os estados do Brasil, com destaque para o estado de São Paulo (com pico de popularidade em 100).

Já se constata que não foi mero acaso a escolha dessa produção como objeto de estudo. Além de contar com uma repercussão impressionante no país, demonstrada pelos dados acima, o podcast já tem a classificação efetiva de ser uma produção do gênero *true crime*, conforme artigo de Jáuregui e Viana (2022) em que usam a construção teórico-metodológica de Ian

²⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/07/podcast-a-mulher-da-casa-abandonada-lidera-rankings-e-acumula-milhoes-de-downloads.shtml>. Acesso em: 9 mar. 2023.

²⁸ Disponível em: <https://gente.globo.com/infografico-a-onda-de-true-crimes/>. Acesso em: 9 mar. 2023.

²⁹ Disponível em: <https://www.tritondigital.com/resources/podcast-reports>. Acesso em: 9 mar. 2023.

Punnett (2018). E é a partir desse artigo que buscaremos aprofundar nossa análise do podcast como uma produção do gênero.

3.1 O Caso na Luz da Teoria de *True Crime*

Na teoria de *true crime*, elaborada por Ian Punnett (2018), buscou-se identificar, por meio de uma análise em duas etapas, se determinadas produções poderiam ser classificadas dentro do que se entende por *true crime*, sendo o podcast *Serial* uma dessas produções. A primeira etapa está relacionada ao status factual da narrativa — o Código Teleológico (TEL), ou seja, “um telos de verdade que orienta as narrativas” (JÁUREGUI; VIANA, 2022, p.6) — e a segunda etapa foi baseada em sete códigos frequentemente presentes em produções de *true crime*.

O que Jáuregui e Viana (2022) identificaram é que o podcast *A Mulher da Casa Abandonada* consiste em uma produção do gênero. Segundo os autores, não há espaço para dúvidas de que a produção honra com o compromisso de atestar a factualidade da narrativa, já que “as ambientações sonoras captadas *in loco* e a teia de facticidade construída com a referência a outros materiais jornalísticos, assim como a exposição de bastidores da apuração, contribuem para esses efeitos de sentido” (JÁUREGUI; VIANA, 2022, p.6).

Uma vez que a narrativa tenha sido determinada para atender às condições do código TEL, há sete outros códigos propostos por Punnett que compõem o segundo estágio da teoria de *true crime*, são eles: Justiça, Subversão, Cruzada, Geográfico, Forense, Vocativo e Folclórico. Embora Punnett ressalte que não há a necessidade de uma produção do gênero conter todos os códigos, os autores do artigo identificam todos presentes no podcast.

Neste ponto da análise, trataremos cada um dos códigos com os apontamentos já sinalizados pelos autores e incluiremos outros pontos não abordados quando pertinente, traçando paralelos com os estudos de ética de Eugene H. Goodwin (1996), Eugênio Bucci (2000) e Rogério Christofolletti (2012) voltados para condutas jornalísticas.

O código **Justiça (JUS)** é definido como a “busca por justiça, seja em relação a alguém desaparecido, assassinado ou condenado injustamente” (JÁUREGUI; VIANA, 2022, p.6). Na análise dos autores, embora presente até na descrição do programa, a presença do código se intensifica a partir do segundo episódio — denominado “A Casa” —, quando a situação de impunidade de Bonetti, frente ao crime do qual foi acusada, é revelada.

O código **Subversão (SUB)**, em que “evidências são reconsideradas, pondo em dúvida processos de investigação criminal oficiais e o sistema de justiça” (JÁUREGUI; VIANA, 2022, p.6), vai se intensificar a partir do sexto episódio. Nele, Felitti tenta responder à pergunta: “Por que a Justiça perdeu Margarida Bonetti?” (5’18’’ a 5’21’’).

O código **Cruzada (CRU)** é definido como a “defesa de transformações sociais, incorporando muitas vezes um chamado à ação” (JÁUREGUI; VIANA, 2022, p.7), em articulação com os códigos citados anteriormente, JUS e SUB. Para os autores, não há um chamado à ação explícito no podcast, mas defendemos que houve uma mudança de curso no meio da produção que deu mais evidência a esse código.

A partir do quinto episódio, “Outras Tantas Mulheres”, lançado em 6 de julho, o narrador inclui um aviso ao final do episódio, que vai estar presente em todos os episódios subsequentes.

Se você sabe, ou desconfia, que uma pessoa tem seu trabalho explorado. Denuncie. Dá para fazer uma denúncia anônima à Secretaria Especial da Previdência e Trabalho num site. É um formulário simples e rápido. Só precisa do endereço da ocorrência e de um relato breve do que está acontecendo. Assim, fiscais podem ir até o lugar e avaliar a situação. O site para fazer a denúncia, que pode ser anônima, é o seguinte: ipe.sit.trabalho.gov.br. Esse link para o site também está no texto de descrição do episódio.

A inclusão do aviso é pertinente, visto que é um episódio que tira Bonetti do foco para dar lugar a histórias de pessoas que foram resgatadas de situações de exploração no Brasil dos dias de hoje. É inclusive, um episódio que destoa dos anteriores, já que o personagem de Felitti — ou seja, a narração em primeira pessoa — quase não aparece.

No código **Geográfico (GEO)** há a “ênfase na localidade onde se passou o crime, com descrições pormenorizadas do território” (JÁUREGUI; VIANA, 2022, p.7). A descrição de pontos referenciais da casa é crucial para a narrativa do podcast e está presente em todos os episódios. Felitti permite que o ouvinte o acompanhe em sua investigação, tanto é que o primeiro episódio começa com o jornalista passeando pelo bairro.

Eu estou andando por ruas com nomes de estados. Passo pela rua Rio de Janeiro, na frente do prédio em que João Soares e Adriane Galisteu eram vizinhos, até alguns anos atrás. [...] Cruzo, na rua Maranhão, com o condomínio de apartamentos onde morava o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Passo em frente da Faap, uma faculdade que tem prédios imitando templos gregos e que cobra R\$3.500 de mensalidade no curso de Administração. [...] Até que eu vou me aproximando da praça Vilaboim, uma ilha de árvores e de bancos cercadas por restaurantes, e noto que alguma coisa arranha a paz da elite. (0’33’’ a 02’00’)

Logo no primeiro episódio, o jornalista tem seu primeiro encontro com Bonetti e uma vizinha, que não foi identificada. Na ocasião, antevéspera de Natal, Bonetti tenta impedir que a Prefeitura derrube uma árvore da praça Vilaboim. Em uma conversa paralela, a vizinha comenta com Felitti que Bonetti mora no casarão ali perto. Felitti narra: “o casarão ali é uma mansão abandonada a passos de onde a gente está. Um imóvel que está caindo aos pedaços.

Literalmente. É uma casa centenária de três andares e tijolo aparente que já viu dias melhores” (14’05’’ a 14’16’’).

Em seu livro *Procura-se Ética no Jornalismo*, Goodwin (1993, p.298) cita dois conselhos de códigos norte-americanos sobre divulgação de endereços. O *Detroit Free Press* cita que, “em geral, nós não identificamos as vítimas sobreviventes de crimes sexuais ou as pessoas cuja segurança poderá ficar prejudicada em função da publicação dos seus nomes ou endereços”, e o *San Jose Mercury* diz que “é sensível a privacidade [...] de cidadãos que ficarem, claramente, em perigo físico pela publicação de seus nomes e endereços”.

O que se pode notar é que não houve o interesse de preservar a localidade onde a personagem principal mora, muito provavelmente por ela não ser uma vítima na história. Entretanto, com relação à empregada doméstica, houve o cuidado de protegê-la: em nenhum momento Felitti cita seu nome, embora deixe um fio solto logo no primeiro episódio, quando comenta sobre uma reportagem da *Newsweek*, jornal americano que o fez entender melhor o caso e que cuja cobertura inclui o nome completo e idade da vítima. Válido citar que, os episódios que se passam nos Estados Unidos, de volta ao bairro onde o crime ocorreu, também contêm descrições detalhadas dos locais, inclusive, de endereços completos.

No código **Forense (FOR)**, há uma “exposição cuidadosa de evidências judiciais e da ciência forense por trás das investigações” (JÁUREGUI; VIANA, 2022, p.7). A partir do segundo episódio — intitulado “Uma Rua em Silêncio” —, Felitti começa a expor as evidências judiciais que consegue no exterior, ao visitar a cidade de Gaithersburg, nos Estados Unidos. Trechos do processo de René Bonetti, à época, marido de Margarida Bonetti, são lidos pela jornalista Magê Flores, apresentadora do podcast *Café da Manhã*, também da *Folha de S.Paulo*.

No código **Vocativo (VOC)**, há o “afastamento da retórica de neutralidade, em prol da tomada de posição em relação aos fatos” (JÁUREGUI; VIANA, 2022, p.7). Durante todo o podcast, Felitti deixa muito claro seu posicionamento sobre o caso, endossando, inclusive, a opinião dos personagens selecionados e o sentimento de revolta em torno da impunidade de Bonetti. Alguns dos comentários mais inflamados estão presentes no *teaser* da produção. Um dos entrevistados diz que Margarida é doida, outro diz que acha que “ela não vai morrer tão cedo, que é pra ir pagando [pelo crime] aos poucos” (00’28’’ a 00’31’’).

A entrevistada que será figura-chave para determinar o posicionamento de Felitti frente ao caso, é Mari Muradas, doula e moradora do bairro de Higienópolis. Ela é descrita como uma moça jovem e sorridente, mas que carrega um depoimento enfático. Em um trecho selecionado para o *teaser*, Mari diz que passou semanas preocupada em saber como poderia ajudar a mulher,

e agora que sabe o que Bonetti fez, quer “tacar fogo naquela casa com ela dentro” (00’51’’ a 00’58’’). Felitti endossa o posicionamento no segundo episódio, intitulado “A Casa”.

Agora nós vamos discutir como a trajetória da Mari Muradas é parecida com a minha e eu comento isso com ela. Como nós dois tivemos curiosidades gêmeas e chegamos a mesma resposta. [Felitti para Mari Muradas] Eu estou inconformado porque o que você “tá” contando é literalmente a minha história, transfere pra tipo 4 anos no futuro. (05’21’’ a 05’39’’)

Ao pensarmos no porquê de o jornalista ter selecionado o trecho de Mari Muradas para a produção, e até mesmo, tê-lo colocado em evidência no *teaser*, nos traz, como uma resposta possível, que tenha sido uma estratégia para atrair os ouvintes. Quem não ficaria curioso para saber o que essa mulher fez, a ponto de uma pessoa dizer que gostaria de tacar fogo na casa dela com ela dentro?

Christofolletti (2012), ao narrar os problemas mais comuns da cobertura de violência e segurança pública, ilustra bem o que o jornalismo pode se tornar se não for feito com cautela. “Os meios de comunicação atuam não apenas para informar, mas também para disseminar sentimentos como o ódio, a sensação de impunidade ou de punição insuficiente. Daí a incitar a fazer justiça com as próprias mãos é um passo” (posição 875).

Em *Ética e Imprensa* (2000), Bucci também comenta sobre como a violência urbana leva as pessoas a pedir linchamentos e mais violência, e, nesse ponto, o papel do jornalismo “não é fazer coro com essa mentalidade, mas o contrário: é combatê-la” (p.176). Em outro trecho de seu livro, Bucci cita que “para a imprensa, o compromisso com a democracia está acima do compromisso com os humores do público e que muitas vezes a imprensa deve remar contra a opinião pública” (p.175).

Talvez seja pertinente destacar aqui que Felitti poderia não reiterar a opinião pública sobre Bonetti, o que ajudou a estigmatizá-la, entretanto, sua escolha em ser personagem na narrativa o deixou passível de compartilhar suas impressões pessoais. No podcast, o jornalista tem o cuidado de explicar, mas só no segundo episódio, que “Mari Muradas não colocou fogo na casa abandonada. Em vez disso, usou a energia que corria no corpo dela para tentar entender mais a história” (10’59’’ a 11’10’’).

No código **Folclórico (FOL)**, último da análise de Punnet, o *true crime* oferece “narrativas instrutivas, mas não necessariamente educativas, ensinando ‘verdades’ sobre o mundo na forma de ‘contos de fada brutais’” (JÁUREGUI; VIANA, 2022, p.7), ou pode conter o sentido de alternativo, em que “muitas vezes conta as mesmas histórias que a grande mídia,

mas de uma perspectiva diferente e muito além do tempo do jornalismo tradicional³⁰” (PUNNET, 2018, p.190, tradução nossa).

Nesse ponto, os autores citam a excentricidade de Bonetti, característica explorada desde os primeiros momentos do podcast. De fato, está presente até no *teaser*, em que há “uma história oculta por trás dessa camada de creme” (0’21’’ a 0’23’’), em referência ao fato de Bonetti besuntar o rosto com uma espécie de pomada ou creme de cor branca.

Felitti usa, inclusive, o adjetivo excêntrico para descrever a personagem: “eu pensava que Margarida era uma mulher que sofria com misoginia e preconceito por ser excêntrica” (Episódio 2 - 07’40’’ a 07’44). Como bem definiu José Henrique Mariante, *ombudsman* da *Folha de S.Paulo*, Felitti é “conhecido pela rara capacidade de desvendar personagens absolutamente incomuns no meio da paisagem dura de São Paulo”³¹.

Após o entendimento dos códigos que regem as produções de *true crime*, no próximo subcapítulo buscaremos analisar o jornalismo em primeira pessoa de Felitti, já exposto nesta pesquisa como um aspecto constitutivo dos podcasts narrativos (KISCHINHEVSKY, 2018).

3.2 O Narrador de Chico Felitti

Nesta parte da análise, nosso objetivo é mapear determinadas circunstâncias em que o narrador se coloca no centro do relato. Desta forma, buscamos aprofundar nossa investigação sobre aspectos jornalísticos relacionados ao discurso em primeira pessoa. Utilizaremos a divisão proposta por Viana (2022) em que serão analisados três aspectos principais: o envolvimento do narrador com o fato narrado, o compartilhamento de opinião e o compartilhamento de sentimentos e sensações.

Nosso foco é entender como, ao se colocar como personagem na narrativa (e trazer com ela a subjetividade do narrador), o jornalista acrescenta uma nova camada de complexidade na assimilação do conteúdo. Para Goffman (2014 *apud* JÁUREGUI; VIANA), “outros papéis desempenhados pelo jornalista em conteúdos jornalísticos não descaracterizariam as atividades da profissão, mas contribuíram para ampliar a forma com que determinado fato ou acontecimento pode ser processado pelo público” (2022, p.9).

³⁰ Do original: “‘Alternative’ in the sense that true crime often tells the same stories as the mainstream news media, but from a different perspective and long past a traditional journalistic time peg.”

³¹ Disponível em: <https://bit.ly/3MwUphX>. Acesso em: 23 mai. 2023.

3.2.1 *Envolvimento com o Fato Narrado*

Para iniciar essa análise, é possível traçar algumas similaridades entre a produção de Chico Felitti, *A Mulher da Casa Abandonada*, e a de Sarah Koenig, o podcast *Serial*, já apresentado anteriormente como uma produção referência na popularização do podcasting. O que definimos como o ponto mais importante a ser destacado é a figura do repórter na narrativa. Conforme analisou Punnet, “*Serial* nunca foi jornalismo tradicional, mas uma narração experimental sobre a satisfação da curiosidade de uma repórter de rádio³²” (2018, p.153, tradução nossa).

Tanto Koenig quanto Felitti foram motivados pela curiosidade em narrar uma história. Conforme analisou Viana (2021), “as narrativas jornalísticas em podcast têm sido marcadas por um forte envolvimento pessoal do narrador, principalmente porque muitas dessas produções nascem ancoradas em motivações pessoais” (p.11). A justificativa do jornalista é clara desde o primeiro episódio.

E eu, contaminado pelo espírito incorporador de imóveis que paira sobre São Paulo, via a casa abandonada e só pensava em uma coisa: como é que ainda não levantaram um prédio aqui? Quanto será que custa esse terreno, uns R\$10 milhões? R\$20 [milhões]? E tinha também toda a atração simbólica de uma mansão caindo aos pedaços, uma casa abandonada é o maior clichê que existe, é a alegoria mais óbvia de filme de terror. (21’16’’ a 21’45’’)

Quando analisamos as convicções pessoais que podem influenciar a cobertura jornalística (BUCCI, 2000, p.94), é válido pontuar que Felitti mora a dois quarteirões de distância da mansão³³, e, assim como boa parte de seus entrevistados, ele também é um vizinho curioso.

3.2.2 *Compartilhamento de Opinião*

Felitti, no papel de narrador, tem como principal objetivo descrever pessoas, lugares e situações que vivenciou durante a apuração e construção do podcast. Suas opiniões costumam vir alinhadas ao descritivo das situações, como no primeiro episódio, quando descreve sua ida à farmácia junto com Bonetti para comprar máscaras e compartilha algumas impressões sobre a personagem.

A Mari chega segundos depois de mim e já chega dando ordem. [...] Ela pede que a funcionária não encoste na sua máscara. [...] O jeito que ela trata as funcionárias da farmácia lembra o jeito que ela tratou os funcionários da Prefeitura que lembra o jeito

³² Do original: “*Serial was never traditional journalism, but an experimental narration regarding the satisfaction of a radio reporter’s curiosity.*”

³³ Informação cedida pelo próprio jornalista em entrevista para a TV Gazeta em 7 de julho de 2022 (02’04’’). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_6Wp6A1498U. Acesso em: 23 mai. 2023.

que uma certa elite brasileira trata quem “tá” trabalhando para ela há pelo menos 500 anos. (15’54’’ a 16’44’’)

Esse trecho ilustra que, desde o começo da narrativa, Felitti tem a pretensão de deixar clara sua opinião sobre Bonetti, que vai ser apenas complementada pelas pessoas que entrevista posteriormente. Um outro exemplo claro está situado no segundo episódio, quando o jornalista entrevista Antonio Francisco da Silva, porteiro há mais de 30 anos do Louveira, edifício vizinho da casa abandonada.

Na entrevista, Antonio diz que Bonetti chama a polícia com frequência, seja pela derrubada de uma árvore ou por alguém que estaciona em frente à sua casa. Tal como foi com Mari Muradas, Felitti corrobora com o pensamento de Antonio, que beira à indignação.

O homem para e articula uma ironia que já estava coçando no meu cérebro. [Sonora de Antonio] E ela sempre fala em chamar a polícia para todo mundo, sendo ela acusada de um crime desse de racismo, de escravidão. (Episódio 2 - 28’26’’ a 28’41’’)

Outro exemplo que vai trazer o fluxo de consciência do jornalista para a história é quando ele comenta a entrevista de Francisco (com sobrenome ocultado a pedido do entrevistado), porteiro do Edifício Jóia, próximo da casa: “ela gosta de planta. É difícil deixar passar essa ironia de que uma pessoa acusada de causar o maior sofrimento que existe a outro ser humano, goste de planta” (Episódio 2 - 42’46’’ a 42’54’’).

Esses exemplos ilustram bem como Felitti se coloca próximo de seus entrevistados, vizinhos da casa, mas que em nenhum momento se coloca na posição de vizinho também, embora deixe claro que Bonetti o intriga. O interessante é que, sendo ele próprio morador do bairro, parece não se colocar numa posição de alguém afetado pela situação, embora tenha sido suficientemente afetado para investigar a situação da mansão degradada e produzir uma história sobre ela.

3.2.3 *Compartilhamento de Sentimentos e Sensações*

Junto com as opiniões, Felitti também compartilha sentimentos e sensações ao longo do podcast. No quarto episódio, “Uma Mulher e um Homem Livres”, temos um trecho em que Felitti demonstra desconforto, para não citar medo das consequências de seus atos. A situação se passa nos Estados Unidos, quando o jornalista entra com um gravador em uma empresa situada em uma área de segurança nacional.

Eu não deveria estar aqui. Tem uma placa na parede avisando em inglês e em espanhol que o lugar é uma área de segurança nacional onde é proibido gravar, fotografar e até

mesmo entrar, se você for uma pessoa avulsa que nem eu, mas eu cruzo o saguão e vou até a bancada da recepcionista. (00'27'' a 00'45'')

No sexto episódio, “Um Fim que Não É Bem um Fim”, Felitti comenta que estava há dias pensando na palavra “prescreveu”, com relação ao crime que havia sido prescrito e por isso, Bonetti nunca seria julgada. Felitti narra uma conversa que teve com seu marido, que pergunta: “qual é a diferença dela estar presa numa cadeia, dela estar presa numa casa abandonada? Ela já está presa há mais de 20 anos” (16'13'' a 16'20''). A resposta de Felitti é um monólogo que vai ditar, de certa forma, a reação do público com relação ao caso.

O que eu deveria ter respondido é o seguinte: tem sim uma diferença entre estar isolado numa casa abandonada e estar na cadeia, porque não é essa regra do jogo. Muito do que o mundo se tornou nos últimos anos é porque a gente deixou de acreditar nas instituições. A partir do momento que a gente não crê mais na justiça, na democracia, nos direitos humanos, acabou a cerca invisível que divide a civilização da barbárie. (Episódio 6 - 16'33'' a 16'58'')

No mesmo episódio, o jornalista vai se abrir a respeito da sua ânsia para que a justiça fosse feita, mas a história nasceu para frustrar tanto o ouvinte, quanto o repórter.

Quando eu descobri que a mulher da casa abandonada era uma foragida, talvez tenha brotado em mim a expectativa de resolver alguma coisa. De ligar para o FBI e dizer: “tá” aqui essa pessoa que vocês procuram. E que um helicóptero então fosse descer do céu e apreender uma pessoa procurada pela polícia. A justiça estaria feita. O arco da história estaria completo. (Episódio 6 - 3'20'' a 3'42'')

Por fim, outra importante interferência de Felitti com relação à exposição de suas emoções e sensações, é a entrevista com Margarida Bonetti. Após dias em frente à casa da personagem, insistentes batidas no portão e gritos pelo seu nome, ele consegue que ela dê a sua versão da história, ou pelo menos, essa era a intenção. É com o misto de impaciência e urgência que Felitti conduz essa entrevista crucial para a história e tema do sétimo e último episódio do podcast. A análise da entrevista será aprofundada no próximo capítulo.

4 – A ÉTICA PRESENTE EM A MULHER DA CASA ABANDONADA

Neste capítulo serão analisados dois aspectos da produção de *A Mulher da Casa Abandonada*: (1) a influência do uso do jornalismo em primeira pessoa na repercussão do podcast e (2) a relação de fonte e jornalista estabelecida entre Margarida Bonetti e Chico Felitti ao longo dos episódios.

Segundo Jáuregui e Viana (2022), “até os dias de hoje, informação e entretenimento tiveram suas fronteiras frequentemente embaralhadas no âmbito da cobertura criminal” (p.4), e esse caso ilustra bem a que se refere a citação. A repercussão do podcast *A Mulher da Casa Abandonada* reverberou não só nas redes sociais como também nos veículos de comunicação.

Para Herschmann e Kischinhevsky (2007), vivemos hoje em uma “cultura midiática, espetacularizada e performática” (p.5) em que organizamos nossa vida social no interior do ambiente comunicacional, “com destaque para sua vertente midiática, povoada de ricos e variados personagens, fantasias e enredos³⁴”. Portanto, no mundo contemporâneo, temos como fatores a espetacularização e a alta visibilidade ampliando casos como o narrado no podcast.

Destacam-se aqui dois atores principais para que o podcast expandisse sua presença em públicos que não eram originários dos agregadores de podcasts, e nem do público da *Folha de S.Paulo*: o TikTok, rede social chinesa de compartilhamento de vídeos curtos, e as emissoras de televisão nacionais abertas.

4.1 O Fenômeno da Casa Abandonada

Felitti, em entrevista ao UOL³⁵, atribuiu o sucesso estrondoso do podcast nas redes sociais ao TikTok. Não se sabe quem começou a *trend* — expressão usada para se referir a vídeos que se tornam tendência por serem replicados milhares de vezes na rede social —, mas o fato é que as pessoas, por curiosidade, passaram a visitar a casa referenciada no podcast. Para exemplificar o sucesso, o vídeo de Jaqueline Guerreiro — criadora do “Quinta Misteriosa”, canal no Youtube que relata casos de crimes reais —, em frente à casa³⁶, contém mais de 1,1 milhão de curtidas na rede.

A hashtag #amulherdacasabandonada acumula, na data de publicação dessa pesquisa, 163,2 milhões de visualizações na rede social³⁷. A partir do quarto episódio do podcast, “Uma

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ Disponível em: <https://bit.ly/45CCmPY>. Acesso em: 23 mai. 2023.

³⁶ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@jaquelineguerreiro/video/7115424174872595717>. Acesso em: 26 mai. 2023.

³⁷ Disponível em: <https://www.tiktok.com/tag/amulherdacasabandonada>. Acesso em: 26 mai. 2023.

Mulher e um Homem Livres”, em que se descobre “o que aconteceu com os outros protagonistas dessa história, onde eles estão hoje e como vivem com as consequências”³⁸, alguns veículos jornalísticos passaram a repercutir o sucesso do podcast. Nessa parte da pesquisa, nosso objetivo é ilustrar como a cobertura de um fato jornalístico virou um fato em si.

As principais emissoras de canal aberto do Brasil repercutiram a história gerada pelo podcast, principalmente em programas especializados em coberturas policiais, como é o caso das emissoras SBT, Rede Bandeirantes e Record TV. Partindo do levantamento de reportagens que foram adicionadas aos canais de Youtube oficiais de quatro programas televisivos, vamos identificar quais foram os focos dados na repercussão do podcast nesses veículos, buscando ilustrar como o assunto se pulverizou em diferentes reportagens.

A emissora SBT foi uma das primeiras a começar a repercutir o caso dentro do programa **Primeiro Impacto**, telejornal matinal da emissora, com apresentação de Marcão do Povo, em formato ao vivo. Tendo apelo maior para pautas envolvendo perseguições policiais e fatos curiosos, senão, sobrenaturais, o programa produziu três reportagens no período de 5 a 21 de julho, um dia após o lançamento do último episódio da série.

Em todas as três reportagens mapeadas, os repórteres estão acompanhando a movimentação ao redor da casa, questionando onde estaria Margarida Bonetti, entrevistando curiosos que vieram de outros estados para acompanhar a história e noticiando a investigação da Polícia Civil sobre um possível caso de abandono de incapaz, em referência à denúncia de vizinhos com relação à família de Bonetti.

A Rede Bandeirantes, pelo programa **Brasil Urgente**, com apresentação de Datena, também repercutiu a história, mas só após o término do podcast. Em quatro reportagens mapeadas, o programa, seguindo o modelo do Primeiro Impacto, repercutiu a movimentação ao redor da casa e o “apoio à Margarida”³⁹ de curiosos no local. A primeira reportagem, entretanto, é a que destoa mais da cobertura do primeiro programa citado.

Datena narrou em tempo real, no dia 20 de julho, a tentativa da Polícia Civil de invadir a residência, forçando a entrada por uma janela da mansão⁴⁰. O programa cita que a polícia tem um mandado de busca e apreensão, mas faz com que o telespectador entenda que se trata de uma ação por conta do fato de Bonetti ser investigada pelo FBI, e não por conta da já citada denúncia de abandono de incapaz, que é de fato, o motivo da presença da polícia no local.

³⁸ Resumo do episódio disponível em: <https://bit.ly/3WHvvp9>. Acesso em: 28 mai. 2023.

³⁹ Reportagem disponível em: <https://youtu.be/NYcFmWt4I80>. Acesso em: 28 mai. 2023.

⁴⁰ Reportagem disponível em: https://youtu.be/Gk6v_IQx45c. Acesso em: 28 mai. 2023.

A Record TV é, de acordo com o levantamento feito, a emissora que mais repercutiu o fato, com oito reportagens em dois programas da grade, o Cidade Alerta e o Domingo Espetacular. O **Cidade Alerta**, que traz os principais casos policiais do país de segunda a sábado, é apresentado por Luiz Bacci e contou com seis reportagens sobre o tema.

As reportagens começam após o lançamento do quinto episódio, “Outras Tantas Mulheres”, em 6 de julho. Com reportagens em torno de 13 a 21 minutos, o veículo investigou desde o início da história — explicando o porquê da casa ter se tornado um ponto turístico —, até outros pontos não noticiados ainda, como onde o filho do casal Bonetti reside hoje, a história de que a família teria esquecido o corpo de Maria de Lourdes, mãe de Margarida Bonetti, em uma funerária, e ainda, a busca de outros imóveis da família, como o hotel “Pousada do Barão”, na divisa de São Paulo com Minas Gerais, que encontra-se hoje, desativado.

Neste ponto, retomamos o debate inicial de que, uma das principais preocupações em relação ao *true crime* — e que pode ser aplicada a este caso —, é entender se ele pode desinformar o público ao atrair respostas emocionais a questões como condenações injustas, problemas com a descrição policial, preconceito ou impunidade. O próprio sensacionalismo vem da noção de um jornalismo dedicado a explorar emoções, que não tem por finalidade a informação, mas sim o aprisionamento e captura da audiência.

O programa, além de cobrir o que já estava sendo noticiado, buscou de todas as formas render a notícia, mesmo que para isso fosse preciso trazer a público familiares de Bonetti que não tiveram envolvimento com o crime ao qual ela havia sido indiciada. Os familiares não foram citados no podcast de Felitti, que teve o cuidado de manter de fora da produção detalhes sobre o fato do casal Bonetti ter um filho pequeno quando o crime ocorreu.

Bucci, ao fazer a releitura dos dez “mandamentos” de Paul Johnson, entende que é dever do jornalismo “distinguir opinião pública de opinião popular”, ou, nas palavras do autor, é dever do jornalismo “distinguir o interesse público da curiosidade perversa do público e distinguir legitimidade de popularidade” (2000, p.166). O caso em questão é de interesse público — trata-se de um crime notório —, mas não garante a cobertura de fatos alheios aos envolvidos diretos ou uma cobertura massiva em cima dos envolvidos que, aos olhos da Justiça, nada devem, tal como o filho do casal Bonetti.

Ainda com relação à cobertura do Cidade Alerta, a reportagem de 11 de julho traz a reconstituição, em estúdio, da mansão de Higienópolis⁴¹, realizada com base em um volumoso

⁴¹ Reportagem disponível em: <https://youtu.be/x25U-j8xXns>. Acesso em: 28 mai. 2023.

inventário da família. Para ilustrar a forma como Bonetti vive, a emissora contratou uma atriz para se passar por ela.

É válido pontuar que a reprodução de cenários e simulações de crimes é algo comum em programas policiais, utilizado até mesmo na releitura do Linha Direta deste ano na Rede Globo, reproduzindo o modelo dos anos 2000. Mas cabe o comentário de que a reprodução da Record TV não foi usual. A reconstituição não reproduz, por exemplo, as cenas do crime pelo qual Bonetti foi indiciada — até porque o crime não ocorreu na mansão de Higienópolis, mas na casa dos Estados Unidos —, a reconstituição busca caracterizar Bonetti como uma espécie de bruxa.

A atriz, em determinado momento, é posicionada em frente ao espelho com seu rosto limpo, e, após uma transição, aparece usando uma pomada branca no rosto. Em outro trecho, ela se olha com orgulho através de um espelho de mão, observando as joias da família em seu pescoço e orelhas, em uma alusão à vaidade. Esse é um exemplo claro do que Bucci vai trazer em seu livro como um modo sensacionalista de jornalismo. “Pode-se fazer jornalismo popular e mesmo jornalismo policial, cujo tema é a violência, dentro de bons padrões éticos. Sensacionalismo é o jornalismo que se curva ao preconceito, intensificando-o” (2000, p.154).

Ainda na mesma emissora, o programa **Domingo Espetacular** também produziu duas reportagens sobre o tema, sendo a segunda, em 6 de novembro, quatro meses após o término do podcast, a mais impactante. Na reportagem, eles conversam com René Bonetti, em uma entrevista exclusiva, na qual não houve contestação, por parte dos jornalistas, das alegações dadas pelo entrevistado, que contradiz não só a versão do FBI, como do Tribunal pelo qual ele foi julgado⁴².

O último veículo mapeado foi a Rede Globo, que repercutiu o tema em duas reportagens no programa dominical **Fantástico**, após o encerramento da série. Em uma reportagem com fontes especializadas, em 24 de julho, o programa resgatou imagens da cobertura do caso nos anos 2000, veiculada no próprio programa, contextualizou a história gerada pelo podcast e abordou a espetacularização do caso. Conta com entrevistas dos vizinhos da família nos Estados Unidos que ajudaram a levar a denúncia adiante e da advogada de Margarida Bonetti, Helena Mônaco⁴³.

A análise detalhada de cada uma das reportagens, por não se tratar do nosso foco, não entrará nesta pesquisa, mas a apresentação dessa cobertura, como feita acima, vem como uma oportunidade de reflexão sobre como o tema foi abordado por diferentes emissoras da televisão

⁴² Reportagem disponível em: <https://www.r7.com/4S0x>. Acesso em: 28 mai. 2023.

⁴³ Reportagem disponível em: globoplay.globo.com/v/10788027/. Acesso em: 28 mai. 2023.

brasileira e o alcance que essa história teve para diferentes públicos. Podemos presumir que, por ter sido uma história contada em áudio — um formato que permite uma aproximação e empatia maior do ouvinte com o que é contado —, houve um impacto significativo do formato na viralização e envolvimento da audiência.

Por conta da repercussão, a *Folha de S.Paulo* precisou se posicionar. Indicativo disso é que, a partir do quinto episódio, “Outras Tantas Mulheres”, a produção inclui um aviso na abertura dos episódios:

[Narração] Este podcast é uma reportagem que se baseou em registros de um caso de notório interesse público. Procurou ouvir todos os envolvidos e deu espaço às versões dos que se manifestaram. Essa série não é uma investigação policial, nem um processo judicial. A *Folha* condena qualquer tipo de agressão e perseguição contra as pessoas aqui retratadas.

Essa mudança foi sinalizada também por Jáuregui e Viana (2022). Com relação à mensagem, de acordo com os autores, “se partirmos do pressuposto de que uma investigação policial tem como objetivo a apuração de infrações penais e a garantia do cumprimento de penas relacionadas a ela, de fato o podcast não se enquadra nessa perspectiva” (p.12).

Ao analisarmos a última frase isolada, o que se percebe é que a mensagem isenta o veículo jornalístico da responsabilidade sobre qualquer atitude violenta que a população possa cometer contra Bonetti ou contra sua residência.

Felitti, em entrevista para o UOL⁴⁴, comenta que o aviso foi incluído porque a casa passou a ser alvo de visitas, pichações e situações de ódio coletivo. “É para lembrar que as pessoas não podem fazer nada violento. Não se responde violência com violência. Um crime não justifica outro”. O posicionamento foi o mesmo em uma entrevista do jornalista ao programa Mulheres, apresentado por Regina Volpato, na TV Gazeta⁴⁵:

Nós estamos falando de uma pessoa que cometeu um crime e que nunca pagou por ele, que isso não insufla as pessoas a cometerem uma atitude violenta ou agressiva, que não é o caso. [O caso] é muito mais a gente pensar sobre o país que a gente mora e o mundo, do que focar nesse caso e nessa pessoa. (16’20’’ a 16’30’’)

Em entrevista para o *Bom Dia, Obvious*, podcast de Marcela Ceribelli⁴⁶, ao ser perguntado sobre a repercussão do podcast, em referência ao que estava sendo diferente em relação às suas outras produções, Felitti responde que, quando escreveu o livro *Ricardo e Vânia* (2019), a

⁴⁴ Disponível em: <https://bit.ly/45CCmPY>. Acesso em: 28 mai. 2023.

⁴⁵ Disponível em: https://youtu.be/_6Wp6A1498U. Acesso em: 28 mai. 2023.

⁴⁶ Disponível em: <https://bit.ly/42bRrFt>. Acesso em: 28 mai. 2023.

história gerou uma onda de amor, já o podcast gerou uma onda de ódio. “A melhor forma de lidar é desassociar, está acontecendo com o podcast e não comigo”, rebate o jornalista.

Sobre a repercussão, o *ombudsman* da **Folha de S.Paulo**, José Henrique Mariante, também comentou⁴⁷ que “a história, claramente, já saiu das mãos de Felitti e da *Folha*”, no entanto questiona o fato do veículo não repercutir o que aconteceu durante e após o lançamento do podcast. O que nos parece é que a postura do jornal foi não se juntar ao coro que desviou a atenção do objetivo até então exposto como principal: a denúncia de casos de trabalho análogo à escravidão de empregadas domésticas brasileiras.

O veículo focou em repercutir o saldo positivo do podcast: de acordo com levantamento do MPT (Ministério Público do Trabalho), as denúncias de trabalho doméstico análogo à escravidão aumentaram 123% desde o lançamento do podcast, mostrando que a média mensal passou de 7 para 16 denúncias após o dia 8 de junho⁴⁸.

Da mesma forma que Kang (2014 *apud* PUNNET, 2018), analisou *Serial* do ponto de vista de que a produção não teve como foco principal o crime, mas as obsessões de Koenig sobre ele, entendemos que o mesmo pode ter ocorrido com *A Mulher da Casa Abandonada*. Para Kang, a produção de Koenig foi “um experimento em duas formas antigas: o programa policial semanal de rádio e a narrativa confessional de crimes reais, em que o jornalista desempenha o papel de protagonista⁴⁹” (p.151).

Traçando o paralelo com *A Mulher da Casa Abandonada*, podemos colocar em pauta qual foi o objetivo de Felitti com o podcast. De fato, foi denunciar os casos de exploração de trabalho análogo à escravidão ou foi, como repetido diversas vezes durante a produção, contar a história de Margarida Bonetti?

4.2 A Relação entre Fonte e Jornalista

Por meio do trabalho de audição, foi feita a análise do conteúdo presente no podcast com ênfase na relação entre fonte e jornalista, apontando problemáticas na construção da relação que se estabeleceu entre Felitti e Bonetti ao longo da produção e na condução da entrevista pelo jornalista. Em nosso referencial teórico-metodológico, utilizaremos novamente os estudos de ética de Eugene H. Goodwin (1996), Eugênio Bucci (2000) e Rogério Christofolletti (2012), bem como dos autores Cremilda Medina (1986), Nilson Lage (2005) e Janet Malcolm (2011).

⁴⁷ Disponível em: <https://bit.ly/42hRQ9b>. Acesso em: 28 mai. 2023.

⁴⁸ Disponível em: <https://bit.ly/42oV3nE>. Acesso em: 05 jun. 2023.

⁴⁹ Do original: “‘an experiment in two old forms: the weekly radio crime show, and the confessional true-crime narrative, wherein the journalist plays the role of the protagonist’ (para. 1).”

Conforme afirmação de Christofolletti, “não existe ação humana sem implicações éticas” (2012, posição 306), e no jornalismo, “técnica e ética caminham juntas, envolvidas” (posição 382). Sendo o jornalismo uma atividade humana, isto é, permeada pela relação entre humanos, não basta ter o rigor jornalístico e seguir os preceitos da profissão. Para se ter credibilidade, é preciso apuro técnico e cuidados éticos (CHRISTOFOLETTI, 2012, posição 382).

Sobre a diferença entre a moral e a ética, o autor define que “a moral é como uma tábua de mandamentos; a ética é o pensamento sobre as regras e nossas relações com o mundo” (2012, posição 189). Corroborando com o pensamento de que a ética se baseia em decisões pessoais, vamos trazer algumas decisões tomadas por Felitti na construção de sua relação com Bonetti e a condução da entrevista que fecha o podcast, traçando paralelos com o narrador em primeira pessoa, que se coloca ora como personagem, ora como jornalista (VIANA, 2022).

4.2.1 A Construção da Confiança

A relação entre o jornalista e a fonte começa antes do primeiro encontro, visto que Felitti já tinha o interesse de se aproximar de quem seria a principal personagem de sua história meses antes de encontrá-la pela primeira vez. Na narração, o jornalista comenta que foi a aparência de Bonetti e da casa que chamaram sua atenção:

[Narração] Daí, um belo dia, eu estava andando com minha cachorra pela rua perto das onze da noite e tomei um susto. Tinha um rosto rindo das plantas que cercam a casa abandonada. Um rosto brilhante, que parecia uma lua refletindo a luz dos postes. Era a cara de Mari, besuntada de pomada branca, de pé no jardim da casa, olhando quem passava fora. Na época, eu ainda não sabia o nome dela. Nem que alguém vivia na casa abandonada. E aquela aparência atiçou ainda mais a minha curiosidade. As roupas desgrehadas, a camada de substância oleosa que sempre cobre o rosto, o tom de voz fino, sempre entre o gentil e o imperativo. E eu decidi que queria descobrir quem era a mulher, porque eu queria contar a história dela. (Episódio 1 - 23’18’’ a 24’03’’)

Bonetti é tratada conforme a classificação de Malcolm (2011) sobre importantes personagens de romances não ficcionais. São figuras prontas e acabadas, uma “maravilhosa raça de autoficcionistas [...] como o Joe Gould de Joseph Mitchell ou o Perry Smith de Truman Capote, dos quais depende a vida do Novo Jornalismo e do romance não ficcional” (p.81). Bonetti, ao longo da produção, passará a ser de fato “A Mulher da Casa Abandonada”, que não é uma pessoa, mas uma figura exótica que todos querem vislumbrar.

No primeiro encontro que Felitti tem com Bonetti, ele se mostra interessado no que a personagem tem a falar sobre a derrubada da árvore na praça, até a ajuda pesquisando como

formalizar uma denúncia no Ministério Público e se predispõe a comprar uma máscara nova para ela.

Nós temos detalhes desse encontro porque Felitti grava a conversa desde o começo, sem o conhecimento da fonte. Ele vai fazer o que, para Goodwin (1993), não se trata de uma questão ética importante (p.404). Já Christofolletti argumenta que o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros proíbe o profissional de divulgar informações obtidas de maneira inadequada, como o uso de identidade falsa, câmeras ou microfones escondidos, “salvo em casos de incontestável interesse público e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração” (posição 1306).

Para efeitos da construção do podcast, a gravação da primeira conversa com Bonetti traz o efeito de proximidade do ouvinte com o fato narrado, permitindo que acompanhem de perto cada passo do repórter, que já havia sinalizado as peculiaridades da mulher de quem ele tenta ganhar a confiança. Entretanto, tal efeito só foi possível porque Felitti se valeu do recurso da gravação escondida, que ele toma o cuidado de explicar para os ouvintes: “Foi daí que eu passei a andar com um gravador e ligá-lo toda vez que cruzava com ela” (Episódio 1 - 24’03’’ a 24’09’’).

O jornalista encerra o primeiro encontro passando seu contato para Bonetti. Depois disso, passa a cumprimentá-la toda vez que a vê varrendo o jardim, aproximação que é encorajada pela fonte ao ligar para ele perguntando sobre como poderia acessar o Diário Oficial do Município.

O que Felitti tenta é o que chamamos no jornalismo de “cultivar a fonte”. Na definição de Christofolletti, “é preciso aproximar-se dela, ganhar sua confiança, extrair as informações necessárias e manter um bom relacionamento, de modo que, em momento oportuno, se possa voltar a ela e novamente se abastecer com outros dados” (2012, posição 671). Até que um dia, o comportamento de Bonetti muda.

[Narração] Eu tento falar com a Mari. Ela olha para mim, mas não sustenta o olhar, vira as costas e entra na casa. Fecha a porta sem dizer uma palavra. [...] Eu não sei o que aconteceu, só desconfio que em algum momento Mari tenha descoberto que eu sou jornalista e que preferiu tomar distância de mim. (Episódio 1 - 33’34’’ a 33’51’’)

Esse trecho reforça a ideia de que pessoas preferem tomar distância de jornalistas, principalmente quando se tem algo a esconder. A partir daí, Felitti continua sua tentativa de contatar Bonetti sempre que passa em frente à casa, mas sem sucesso, até que surge a necessidade de entrevistá-la, e agora, com ele a par de tudo que pôde descobrir sobre o crime do qual Bonetti havia sido indiciada.

4.2.2 A Busca pela Entrevista

No sexto episódio, “Um Fim que Não é Bem um Fim”, o jornalista vai retomar a narração em primeira pessoa, que fica em segundo plano no quinto episódio sobre histórias similares do passado recente. Não há mais a postura isenta do narrador jornalista, agora o foco narrativo é no *storytelling* e no personagem em ação.

Vamos acompanhar a saga de Felitti atrás de Bonetti para conseguir uma entrevista exclusiva, isso porque ela nunca havia dado uma entrevista sobre o assunto para um veículo jornalístico. Nesse ponto, a postura do jornalista é a mesma dos curiosos que viralizaram no TikTok por ficar em frente à casa e esperar que ela aparecesse. Ou melhor, a postura de Felitti foi, de certa forma, copiada pelos curiosos.

[Narração] É fim de tarde de sexta-feira, dia 27 de maio, mas eu “tô” longe de “sextar”. “Tô” andando pela rua da casa abandonada com a Beatriz Trevisan, produtora desse podcast. A gente “tá” lá pra fazer plantão em frente da casa abandonada até que Margarida apareça. Fazem semanas que eu tento falar com ela, mas nunca mais a vi. As janelas estão sempre fechadas. Eu desconfio que ela tenha ficado sabendo que eu “tô” fazendo uma reportagem sobre a história dela e por isso tenha ficado ainda mais reclusa. Então a tática é vencer pelo cansaço. Uma hora ela vai ter que sair para alimentar os cachorros que ficam do lado de fora ou para ir ao mercado ou para tentar impedir que uma árvore seja derrubada. (Episódio 6 - 28’21’’ a 28’59’’)

A espera de Felitti em ver Bonetti é uma expectativa que passa para os espectadores, curiosos e ouvintes do podcast. A aparição dela é um acontecimento. Nessa parte do episódio, o jornalista não poupa esforços para falar o quão impaciente e exausto está pela longa espera para conversar com a fonte e chamá-la para uma entrevista que pode ser que não aconteça. O que seriam os “ossos do ofício” ficam em evidência nessa parte, mesclando com os sentimentos que o narrador faz questão de demonstrar.

[Narração] Eu estou ansioso e agitado, fazem semanas que eu tô tentando falar com Margarida e ela “tá” ali, calma, ouvindo que uma pessoa investigou a vida dela, os crimes que foi acusada de cometer, e ela continua calma quando responde: não é realmente um crime, inventaram essa história, esse que é o problema.” (Episódio 6 - 40’49’’ a 41’07’’)

Após essa abordagem incomum, Bonetti consegue se esquivar de Felitti ao entrar na casa e não sair mais. O jornalista, percebendo que a personagem não vai voltar após uma hora de espera, desiste da entrevista e vai para casa, só para receber uma ligação de sua fonte justificando o sumiço. Ela está pronta para dar a entrevista por telefone, e é essa conversa que analisaremos em seguida.

4.3 A Entrevista

Conforme pontua Lage (2005), “as relações entre jornalistas e fontes são as mais citadas quando se trata da ética do jornalismo” (p.42). Neste capítulo, busca-se analisar o sétimo e último episódio de *A Mulher da Casa Abandonada*. O episódio homônimo, diferentemente dos outros da produção, trata-se de uma entrevista exclusiva que Bonetti concede a Felitti por telefone.

A expressão “entrevista exclusiva”, como pontua Lage (2005), já traz consigo valor de marketing, em que se valoriza o esforço de reportagem e o conteúdo inédito das declarações obtidas. Para chegar a esse diferencial competitivo, Christofolletti (2012) ressalta que “não se passa por boas maneiras ou regras de etiqueta” (posição 485), observação que será esmiuçada neste capítulo.

A partir dos estudos de conduta jornalística, analisa-se (1) a condução da entrevista pelo jornalista e (2) quais os impactos que podem ser resultado da posição do repórter na centralidade do relato. Aqui, entende-se a centralidade do relato quando o narrador compartilha sentimentos, sensações e opiniões (VIANA, 2022).

Conforme pontua Pereira (2017), a entrevista jornalística ainda é tratada de forma superficial pela literatura da área. Os estudos mapeados pelo autor, entretanto, vão versar sobre dois pontos de partida: (1) a discussão sobre a prática jornalística e a relação entre jornalistas e fontes e (2) a discussão sobre o papel do jornalista-entrevistador como representante do público e do interesse público, “de forma a desvelar as relações de poder e dominação implícitas a essa prática” (p.146). O que se busca aqui é discutir as duas problemáticas presentes no objeto de estudo, a fim de situar os papéis desempenhados por Felitti e Bonetti nessa entrevista.

Lage (2005) elenca que as entrevistas podem ser classificadas em quatro tipos de objetivos: rituais, temáticas, testemunhais e em profundidade. Com relação às circunstâncias de realização, elas podem ser: ocasionais, confrontos, coletivas e dialogais. A entrevista de Bonetti para Felitti pode ser incluída no que Lage (2005) define como testemunhal, ou seja, o objetivo da entrevista é um “relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou a que assistiu” (p.33), e sobre sua circunstância de realização, trata-se de uma entrevista de confronto: o repórter assume o papel de inquisidor, em que “atua, então, como promotor em um julgamento informal” (p.33).

Já Medina (2011) vai classificar as entrevistas em dois grupos: as que objetivam espetacularizar o ser humano e as que esboçam a intenção de compreendê-lo. Entendemos que nosso objeto de estudo está inserido no perfil de condenação dentro da espetacularização. Conforme a autora, esse modelo força a entrevista para que o “bandido” seja implicitamente

condenado, sendo “ideologicamente pautada pelo maniqueísmo e o julgamento apriorístico” (posição 179).

O que Felitti esperava conseguir de Bonetti nessa entrevista é, “na sua condição de testemunha, ora que emane uma verdade sobre os acontecimentos, ora que revele o que esconde” (MAROCCO, 2011, p.108). Da sua parte, desempenharia o papel de “confessor do público” — termo cunhado pelo pesquisador canadense C. Dent (2008 *apud* MAROCCO, 2011) —, ou seja, posição na qual “os jornalistas são uma autoridade que exige a confissão, a prescreve e a aprecia, intervindo para julgar, punir, esquecer, consolar e reconciliar” (MAROCCO, 2011, p.108).

Conforme sinalizado pelo próprio jornalista, “essa mulher [Bonetti] tem o direito de negar uma entrevista e de fugir de mim” (Episódio 6 - 43’18” a 43’22”), e embora tenha fugido, Bonetti retoma o contato por telefone. O aparelho, na função de instrumento de mediação da entrevista, pode servir, segundo Lage, como um empecilho para a avaliação da pessoa sobre como a outra está recebendo as suas mensagens (LAGE, 2005, p.34).

Embora em um cenário longe do ideal, Felitti não perde a oportunidade de entrevistar Bonetti, tendo tempo apenas de colocar o celular no viva-voz e ligar seu gravador. Essa preparação às pressas irá decidir a forma com que a entrevista será conduzida pelo jornalista.

4.3.1 A Condução da Entrevista

Na abordagem de Felitti para conseguir a entrevista, ele já demonstra a impaciência de ter esperado essa conversa por tanto tempo. O fato de não estar esperando pela ligação e a possibilidade de entrevistar Bonetti no calor do momento, abriu margem para que os ânimos estivessem exaltados antes mesmo de começar a entrevista.

No início e no final da conversa, Bonetti irá pedir para que Felitti adie a publicação da reportagem, ao qual recebe a negativa do jornalista, que precisa cumprir prazos. Não tendo escolha, Bonetti começa a conversa pontuando que não tem nenhum envolvimento com a história, aliás, não sabia o que o ex-marido fazia com a ex-empregada do casal.

A primeira pergunta de Felitti é sobre as acusações de agressão imputadas a ela no inquérito do FBI, ao qual Bonetti se defende argumentando que se trata de um jogo de interesses do FBI, congressistas e advogados para passar a lei que permitia que empregadas estrangeiras permanecessem nos Estados Unidos mesmo após denunciar seus empregadores por trabalho abusivo ou por agressão. A lei em questão foi de fato aprovada após a repercussão desse caso, mas na visão de Bonetti, trata-se de uma forma de extorquir empregadores.

Ao longo da entrevista, há interjeições de Felitti que foram adicionadas por edição, comentando a forma como Bonetti se expressa. O jornalista comenta que ela, às vezes, fala

como se decorasse um texto (apontando implicitamente uma questão de falta de espontaneidade, e possivelmente, falsidade na hora da fala), e também quando ela passa a falar de si mesma em terceira pessoa.

Já as interjeições próprias da entrevista foram notadas até mesmo por Bonetti, que em determinado momento começa a se incomodar. Ela diz que Felitti pergunta e a interrompe na mesma medida, e que essa dinâmica não dá certo. O jornalista explica, na edição, que as interrupções são porque ela fala “por mais de sete minutos sobre o mesmo assunto, se repete e diz coisas que me parecem improváveis” (Episódio 7 - 17’39’’ a 17’47’’).

Gordon Pask (1975 *apud* LAGE, 2005, p.35) observa que as pessoas têm duas possibilidades de expor uma ideia ou narrar uma história, sendo elas holísticas ou detalhistas. Bonetti vai se revelar uma fonte detalhista, que não perde a oportunidade de desviar a atenção da pergunta central de Felitti para contar detalhes que podem soar tediosos para quem busca uma resposta objetiva. Esse vai ser um dos motivos de impaciência do jornalista ao longo da conversa.

A partir do minuto 18, a entrevista começa a se transformar em um interrogatório. “A senhora agredia a [nome da vítima ocultado]?”. Felitti também a pergunta do porquê de nunca ter voltado aos Estados Unidos para responder às acusações e do motivo pelo qual a empregada teria ido junto com o casal ao país. Mas a pergunta mais insistente na entrevista vai ser se Bonetti sabia que a empregada não recebia salário pelo serviço prestado.

Ao longo da conversa, Felitti faz essa mesma pergunta ao menos oito vezes, ao qual Bonetti responde que não sabia por não se envolver nesse assunto, delegado ao ex-marido. Felitti narra: “Margarida afirma que vivia com dor, ela passa mais de sete minutos falando de si, da doença dela, de como tomar cortisona deixava o rosto inchado. Eu tento voltar para o assunto da entrevista” (Episódio 7 - 29’55’’ a 29’57’’).

Nas últimas versões da pergunta, o jornalista vai apresentar alteração na voz, gagueira e frases atropeladas, resquícios da impaciência já citada e que permanece com ele durante a condução da entrevista. Sua intenção é ver Bonetti ceder em algum momento, ou se consegue fazer com que ela mude a resposta. Isso não acontece, Bonetti sustenta sua versão.

No momento em que Felitti comenta sobre a saúde da empregada, que foi socorrida no hospital com vários tumores na região da barriga, e se a entrevistada tinha conhecimento do estado de saúde dela, Bonetti vai relativizar a condição, na qual o jornalista rebate com ironia: “Então não era o tumor que vinha crescendo há anos na barriga dela, então. Era doce que ela comeu demais?” (Episódio 7 - 25’09’’ a 25’13’’). Nos próximos segundos, Felitti vai sinalizar que a entrevista muda de tom, tornando-se tensa.

[Narração] A entrevista fica tensa. [Bonetti] Por gentileza, Francisco, calma, parece que você “tá” até brigando, coisa esquisita. Isso aqui não é caso de briga. [Felitti] Isso é só uma conversa, isso é só uma conversa. Só que eu preciso apurar a verdade, eu preciso apurar o que de fato aconteceu. E quando as coisas parecem se desviar da verdade ou se nega uma coisa que de fato já comprovei documentalmente, eu preciso confrontar isso. É só uma conversa. Uma conversa é uma valsa, é só uma conversa. [Bonetti] “Tá”, confronta com calma, “tá” bom assim? [Felitti] Eu estou calíssimo. [Narração] Respiro fundo e pergunto, **objetivamente**, porque a senhora não voltou aos Estados Unidos para responder à Justiça que à procurava?” (Episódio 7 - 25’57’’ a 26’39’’, grifo nosso)

Nesse trecho temos alguns pontos a analisar. O primeiro deles é a sinalização do próprio jornalista sobre a entrevista ter ficado tensa. O que se entende é que a tensão parte do próprio jornalista, e não da entrevistada, que inclusive pede que ele confronte os fatos com calma. Na narração editada, Felitti vai dizer que respira fundo e faz a pergunta “objetivamente”. É questionável o uso desse adjetivo. Na visão de Felitti, as outras perguntas não foram feitas de forma objetiva? E qual foi o motivo dele ter escolhido a narração da pergunta, ao invés de incluí-la como foi feita no ato da entrevista?

Nesse momento, a entrevista está na metade, mas desde o começo fica claro que Felitti não havia se preparado para esse confronto. Quem está ditando o tom da entrevista não é o narrador jornalista, mas sim, o narrador personagem, que compartilha com os ouvintes as mesmas frustrações com essa história. Próximo do minuto 36, Bonetti vai perguntar a Felitti se, caso eles não tivessem se encontrado na antevéspera de Natal e Felitti não tivesse conversado com um vizinho sobre a história dela, tanto a repercussão, quanto a reportagem, teriam acontecido.

[Bonetti] E uma outra curiosidade. Se eu nunca tivesse ido lá tentar salvar a árvore, não estivesse lá, a gente não tivesse se encontrado, e o homem, sei lá eu, é um homem, né? Que parece que falou com você desse assunto, não tivesse falado essas coisas, nada disso estaria acontecendo? [Felitti] É especulação, não tem como saber. [Bonetti] Porque? [Felitti] “Pô”, porque eu não sei o que aconteceria se a gente não tivesse se cruzado aquele dia. E se a gente se cruzasse em outro dia? E se a minha curiosidade nascesse de outra maneira? Eu já era curioso em relação a casa.” (Episódio 7 - 36’40’’ a 37’10’’)

Em nossa análise, faltou transparência na resposta de Felitti, que aliás, já sabia quem ela era e já estava investigando a casa meses antes do primeiro encontro. A sinceridade que Felitti cobra de Bonetti, evidentemente, não parece aplicada a ele. Isso é o que Malcolm vai chamar de “ambiguidade moral do jornalismo”, em que as relações de fonte e jornalista são, de maneira invariável e inevitável, desiguais (2011, p.177).

Christofoletti diz que não existe apenas uma maneira de lidar com as fontes, tanto por seu caráter distinto quanto pela condição a qual um jornalista a encontra. Em síntese, “o jornalista deve estar próximo da fonte o bastante para extrair o que interessa e distante o suficiente para não se confundir com a notícia” (2012, posição 553). Como seguir essa orientação no dia a dia? Para o autor, não há respostas prontas, mas é fato que “os jornalistas dependem de suas fontes e precisam confiar nelas, mas, ao mesmo tempo, devem nutrir uma permanente descrença das informações que lhe são passadas” (2012, posição 558).

Caminhando para o final da entrevista, temos algumas perguntas relacionadas à casa. Bonetti vai defender sua residência quando Felitti diz que o imóvel está abandonado. O jornalista então a questiona sobre a possível venda da mansão, na qual recebe uma resposta ácida de Bonetti. Mas a entrevistada muda o tom quando tenta demover Felitti de publicar o podcast sobre o tema.

A entrevista acaba quando Felitti diz que a bateria do seu celular está morrendo, e por isso, precisa desligar. O jornalista se coloca à disposição e, caso ela tenha mais alguma informação sobre o assunto, que o procure até sexta-feira. Horas depois da entrevista, o celular de Felitti toca de novo, mas o jornalista não atende. “Depois de três dias na frente da casa abandonada e de uma entrevista de duas horas e meia, eu me dou o resto do domingo de folga” (Episódio 7 - 48’56’’ a 49’03’’).

Felitti narra que mesmo assim Bonetti continua insistindo em contatá-lo. Liga cinco vezes e deixa cinco recados, que ele reproduz no podcast. Em resumo, não há necessidade de voltar a falar com a fonte. A versão dela já foi contemplada.

4.3.2 Reflexão da Conduta Jornalística

Felitti procura por Bonetti na ânsia de fazer prevalecer a prática de “ouvir os dois lados”, conhecida também como *fairness*. Nessa abordagem, os jornalistas permitem que os indivíduos envolvidos em determinado caso deem suas versões dos fatos, mas sempre com o olhar crítico de não permitir que informações, quando provadas serem falsas, sejam veiculadas livremente.

Essa prática está muito alinhada ao princípio ético de imparcialidade, nesse sentido a imparcialidade “reconhece os interesses em jogo e leva-os em consideração para, no mínimo, promover um debate que deixe claro os diferentes pontos de vista existentes em relação ao fato polêmico” (GUERRA, 2008 *apud* VIANA, 2021, p.5).

Em uma análise inicial da entrevista, Felitti faz o que a prática se propõe a fazer: convida Bonetti para uma entrevista com a justificativa de ouvi-la e permitir que dê sua versão dos fatos. Aqui não vem ao caso o que foi dito por Bonetti, ela deu a versão dela, e Felitti fez seu trabalho

de jornalista ao interrompê-la quando necessário: para explicar algo que foi mal interpretado por ela (como o projeto de lei comentado anteriormente) ou inverdades (como o estado de saúde da vítima na época da denúncia, provado a partir das evidências levantadas no inquérito do FBI).

Em uma entrevista jornalística, além de prezar pela imparcialidade, a postura esperada do jornalista é que desempenhe um papel fundamental no comando da conversa, impedindo que o entrevistado em questão se desvie do tema da entrevista (LAGE, 2005). Em contraponto, Lage (2005) vai dizer que, “em uma entrevista, a estrela é o entrevistado” (p.35). Dito isso, “a atitude de compreensão e respeito deve marcar a atividade do repórter, com a preocupação de não evidenciar reações como impaciência, discordância ou simpatia entusiasmada” (LAGE, 2005, p.35).

Na literatura sobre entrevistas, se tem um consenso de que, às vezes, é preciso ser inconveniente (PEREIRA, 2017, p.140). Christofolletti (2012) vai dizer que “em diversas ocasiões, o repórter terá de agir com secura e até rispidez para extrair informações de suas fontes” (posição 406). E a docilidade pouco vai funcionar quando se tem conflitos de interesse. Neste caso, o interesse de Felitti é extrair uma confissão, e o interesse de Bonetti é se defender das acusações.

Ainda assim, Christofolletti vai defender um equilíbrio apoiado no bom senso e disposição para refletir sobre a própria conduta (2012, posição 1306). Como pontua Medina (2011), o entrevistador precisa encarar o momento da entrevista como uma situação psicossocial de alta complexidade.

Se for um iniciante sem preparo ou um prático profissional inconsciente da dimensão psicológica e social daquele encontro com a fonte de informação, as coisas acontecerão atabalhoadamente, com agressividade, imposição, autoritarismo. Se não houver consciência das etapas de observação mútua — namoro, busca da confiança recíproca, entrega —, a matéria resultará numa versão pobre do que teria sido uma entrevista. (posição 348)

Felitti não é um repórter iniciante, ao contrário, é um jornalista premiado e autor de cinco livros-reportagens, quatro deles publicados pela Todavia e o último, e mais recente, publicado pela Companhia das Letras, em 2022. Então, o que pode ter acontecido na entrevista com Bonetti? Arriscamos em dizer que foi ter sido pego de surpresa, após a exaustão de rondar a casa da fonte por dias — que vale lembrar, não era obrigada a ceder uma entrevista —, e seu envolvimento emocional com a história.

Embora a condução da entrevista possa estar longe de ser ortodoxa — como vimos pelas demonstrações de sentimentos e opiniões do jornalista, que, por vezes, tiram seu poder de

conduzir a entrevista —, as perguntas de Felitti seguem o protocolo jornalístico tradicional. Talvez em outro cenário, Felitti estaria mais concentrado em não se envolver emocionalmente com a entrevista, prezando por deixar que Bonetti desse seu testemunho sem que suas opiniões interferissem no julgamento das respostas da entrevistada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu analisar a construção e a repercussão do podcast *A Mulher da Casa Abandonada* como uma produção brasileira de *true crime* a fim de refletir sobre a prática jornalística nesse formato e temática, e os limites da narrativa em *storytelling* — alinhada ao jornalismo em primeira pessoa — como técnica para informar, a partir de uma abordagem de referencial teórico-bibliográfico que versa sobre os conceitos analisados.

Para se atingir uma compreensão da repercussão e construção do podcast, definiram-se três objetivos específicos. O primeiro visou entender como a subjetividade foi utilizada como componente da narrativa. Verificou-se que Chico Felitti transita entre o narrador jornalista e o narrador personagem ao longo da produção. Tal como feito por Sarah Koenig em *Serial*, Felitti compartilha pensamentos e pontos de vista sobre a história ao mesmo tempo em que narra os acontecimentos em tempo presente.

Tal técnica, alinhado ao formato em áudio, permitiu uma proximidade maior com o público. Nota-se que, embora seguindo os preceitos jornalísticos, o personagem rompeu com a proteção que o jornalismo objetivo oferece. Dessa forma, Felitti se expõe, despido da figura de autoridade jornalística em muitas ocasiões, inclusive na entrevista que conduz com Bonetti.

A personificação do repórter como personagem, mas sem a autocrítica a respeito, fez com que Felitti evidenciasse outros aspectos da narrativa, como por exemplo a excentricidade da personagem perfeita que é lida como vilã por moradores da região e pelo próprio jornalista. O foco principal do podcast e do interesse público, em nossa análise, fica em segundo plano.

Depois, buscamos investigar como a narrativa em *storytelling*, alinhada ao jornalismo em primeira pessoa, pode influenciar na repercussão do podcast. A análise permitiu concluir que o compartilhamento das opiniões de Felitti, junto à sua postura quase predatória com relação a Bonetti, abrem margem para uma reação do público condizente com a postura do jornalista e das fontes ouvidas ao longo da produção.

Embora o jornalista e o veículo reiterem que a situação fugiu do seu controle, em nossa análise observou-se que a personificação de Margarida Bonetti em uma personagem exótica, o compartilhamento das opiniões do jornalista e a veiculação da opinião impopular de quem morava nas proximidades da personagem ajudaram a trazer à tona o senso de justiça da população, reverberada posteriormente nas redes sociais e nos veículos de comunicação.

Por último, buscamos compreender a relação entre fonte e jornalista construída por Felitti e Bonetti. Nossa pesquisa indicou que o jornalista usa de artifícios não recomendados para

conseguir a aproximação necessária com a personagem principal, como as gravações sem autorização e a falta de transparência com relação ao seu conhecimento prévio do caso.

O que podemos dizer da condução da entrevista é que as fronteiras entre o narrador personagem e o narrador jornalista são transpassadas em uma entrevista crucial e carregada de julgamento por parte do entrevistador. Entendemos que Bonetti foi julgada como se o crime tivesse acontecido hoje: primeiro Felitti colocou Bonetti como protagonista da história e depois promoveu o seu julgamento.

Em síntese, a pesquisa atingiu seus objetivos de analisar a construção e a repercussão do podcast e refletir sobre a prática jornalística nesse formato e temática. Além disso, o trabalho trouxe à tona o debate sobre como a imprensa exerce sua influência sobre a opinião pública. O jornalismo deve se preocupar em ser um anteparo à sede por culpados e à ânsia por julgamentos, mas na produção em questão atuou com conviência para o julgamento do caso pelo público.

Nesta pesquisa, não se nega os aspectos positivos da produção – como o aumento de denúncias de trabalho análogo à escravidão após o lançamento do podcast –, porém, esse fato não nos leva a ignorar a influência da postura do jornalista na repercussão. Vale ressaltar que os aspectos estudados neste trabalho são a exceção, e não a regra no jornalismo, visto que foram sinalizados muito mais os aspectos passíveis de debate do que o uso correto da apuração e técnicas jornalísticas para se ater aos fatos noticiados.

Esta produção, em nossa análise, desafia valores jornalísticos tradicionais, como a imparcialidade e a objetividade. Embora seja possível seguir os preceitos da profissão dentro de um modelo que incorpora a subjetividade, a produção evidencia as potenciais armadilhas do jornalismo em primeira pessoa e abre oportunidades para novos estudos sobre as definições e fronteiras entre jornalismo e contação de histórias. Entendemos que também configura como uma possibilidade futura de pesquisa a análise detalhada de cada uma das reportagens mencionadas pela repercussão do caso nas emissoras de televisão brasileiras.

REFERÊNCIAS

- A CASA. Chico Felitti. São Paulo: *Folha de S.Paulo*, jun. 2022. A Mulher da Casa Abandonada. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6YU2SlgyvUimMgZggZHQo2>>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- A MULHER. Chico Felitti. São Paulo: *Folha de S.Paulo*, jun. 2022. A Mulher da Casa Abandonada. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0iN4QhgECEXRZkuxDSPATf>>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- A MULHER da Casa Abandonada. Chico Felitti. São Paulo: *Folha de S.Paulo*, jun. 2022. A Mulher da Casa Abandonada. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1H8OUTGXSc6ercUroYYiFA>>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- ARAÚJO, Valéria. M. S. V. B. “Jornalismo de Si: Subjetividade e Partilha de Experiências na Cultura Contemporânea”. *Logos*, [S.l.], v. 24, n. 2, pp.31-45, dez. 2017. ISSN 1982-2391. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/19604>>. Acesso em: 06 jun. 2023.
- BONINI, Tiziano. “The ‘second age’ of podcasting: reframing podcasting as a new digital mass medium”. *Quaderns del CAC*, 41, vol. XVIII, pp. 23-33, jul. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/37AyPbm>. Acesso em: 06 abr. 2023.
- BUCCI, Eugênio. *Sobre Ética e Imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CONHEÇA a Mulher da Casa Abandonada. Chico Felitti. São Paulo: *Folha de S.Paulo*, jun. 2022. A Mulher da Casa Abandonada. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1lgzkA1cskrz6ioBewsZG9>>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- COWARD, Rosalind. *Speaking personally: The rise of subjective and confessional journalism*. New York: Macmillan International Higher Education, 2013.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. *Ética no Jornalismo*. São Paulo: Editora Contexto, 2012. *E-book*.
- DETONI, Márcia. *O Documentário no Rádio: Desenvolvimento Histórico e Tendências Atuais*. Pesquisa de Pós-Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2018.
- FALCÃO, B. M.; TEMER, A. C. R. P. “O Podcast como Gênero Jornalístico”. In: Intercom - 42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Pará, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>. Acesso em 26 mar. 2023.
- GOODWIN, H. Eugene. *Procura-se Ética no Jornalismo*. Editora Nórdica, 1993.
- HAMMERSLEY, Ben. “Audible revolution”. *The Guardian*, 12 fev. 2004. Disponível em: <https://goo.gl/L7xCqv>. Acesso em: 26 mar. 2023.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. “A ‘Geração Podcasting’ e os Novos Usos do Rádio na Sociedade do Espetáculo e do Entretenimento”. *Revista FAMECOS*, v.15, n.37, pp.101-106, 27 jan. 2009.

JÁUREGUI, Carlos; VIANA, Luana. “A Mulher e a Casa Investigadas: Notas sobre o ‘Narrador Detetive’ em Podcasts de *True Crime*”. In: 45º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2022, Mariana. XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação. Minas Gerais: Intercom, 2022. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0720202210191962d800d7a86c0>>. Acesso em: 19 jun. 2023

JÁUREGUI, Carlos; VIANA, Luana. “Relatos Sonoros de um Crime: O Caso Evandro pela Ótica do *True Crime*”. *Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 29, n. 1, p.e 41123, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2022.1.41123>. Acesso em: 19 jun. 2023.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. “Rádio em Episódios, Via Internet: Aproximações entre o Podcasting e o Conceito de Jornalismo Narrativo”. *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, Santiago de Compostela, v. 5, n. 10, pp.74-81, 2018. DOI: <<https://doi.org/10.24137/raeic.5.10.24>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

LAGE, Nilson. *A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 5 ed., 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. “*Storytelling* em Plataforma Impressa e Digital: Contribuição Potencial do Jornalismo Literário”. *Organicom*, [S. l.], v. 11, n. 20, pp.118-127, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139223>. Acesso em: 26 mar. 2023.

LINDGREN, Mia. “Jornalismo Narrativo Pessoal e Podcasting”. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 11, n. 1, 3 jul. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4325/3400>>. Acesso em: 19 jun 2023.

MALCOLM, J. O jornalista e o assassino: Uma questão de ética. Edição de bolso, Companhia de Bolso, 2011.

MAROCCO, Beatriz. “Entrevista Jornalística, Confissão e as Neoconfissões na Mídia Brasileira. *Rumores*, vol. 10, pp.105-121, jun.-dec. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51254>. Acesso em: 01 jun. 2023.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o Diálogo Possível*. São Paulo: Ática, 2011. *E-book*.

OUTRAS Tantas Mulheres. Chico Felitti. São Paulo: *Folha de S.Paulo*, jun. 2022. A Mulher da Casa Abandonada. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/5WAIMFxoZPRvpjr4eltlAz>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

PEREIRA, Fábio Henrique. “A Entrevista no Jornalismo Brasileiro: uma Revisão de Estudos”. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Santa Catarina, v. 14, n. 2, pp.139-149, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p139>. Acesso em: 19 jun. 2023.

PODCAST A Mulher da Casa Abandonada Conta os Rumos Tomados por Duas Pessoas Livres. *Folha de S.Paulo*, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/06/podcast-a-mulher-da-casa-abandonada-Conta-os-rumos-tomados-por-duas-pessoas-livres.shtml>. Acesso em: 4 jun. 2023.

PODCAST A Mulher da Casa Abandonada Discute a Escravidão Contemporânea. *Folha de S.Paulo*, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/07/podcast-a-mulher-da-casa-abandonada-discute-a-escravidao-contemporanea.shtml>. Acesso em: 4 jun. 2023.

PODCAST A Mulher da Casa Abandonada Entrevista Margarida Bonetti. *Folha de S.Paulo*, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/07/podcast-a-mulher-da-casa-abandonada-entrevista-margarida-bonetti.shtml>. Acesso em: 4 jun. 2023.

PODCAST Conta o Que os Vizinhos Sabem sobre A Mulher da Casa Abandonada. *Folha de S.Paulo*, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/06/podcast-Conta-o-que-os-vizinhos-sabem-sobre-a-mulher-da-casa-abandonada.shtml>. Acesso em: 4 jun. 2023.

PODCAST Investiga Passado de Crimes por Trás de Mansão Abandonada em São Paulo. *Folha de S.Paulo*, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/06/podcast-investiga-passado-de-crimes-por-tras-de-mansao-abandonada-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 4 jun. 2023.

PODCAST Procura a Mulher da Casa Abandonada com Ajuda de Vizinhos. *Folha de S.Paulo*, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/07/podcast-procura-a-mulher-da-casa-abandonada-com-ajuda-de-vizinhos.shtml>. Acesso em: 4 jun. 2023.

PUNNETT, Ian Case. *Toward a Theory of True Crime Narratives: A Textual Analysis*. Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2018.

RELLSTAB, C. C. “O Podcast no Brasil: uma Análise sobre o Formato e suas Abordagens Acadêmicas”. *Revista Alterjor*, Vol. 1. São Paulo: ECA-USP, 2022. DOI: <<https://doi.org/10.11606/9786588640661>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

UM FIM Que Não É Bem um Fim. Chico Felitti. São Paulo: *Folha de S.Paulo*, jun. 2022. A Mulher da Casa Abandonada. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/6y3IzxdLolcyCPiNsyUA9q>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

UMA MULHER e um Homem Livres. Chico Felitti. São Paulo: *Folha de S.Paulo*, jun. 2022. A Mulher da Casa Abandonada. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/2KRKiWzigfF724Y2YoZ29p>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

UMA RUA em Silêncio. Chico Felitti. São Paulo: *Folha de S.Paulo*, jun. 2022. A Mulher da Casa Abandonada. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/0aSs1VXcbVIGX3Ux0jPTnu>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

VIANA, Luana. *Jornalismo Narrativo em Podcasting: Imersividade, Dramaturgia e Narrativa Autoral*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, UFJF, Juiz de Fora, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14264>. Acesso em: 23 mai. 2023.

VIANA, Luana. “O Jornalismo em Primeira Pessoa em Podcasts Narrativos: Encontros e Tensões Deontológicos”. In: 44º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO. Recife, 2021. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt4-rm/luana-viana.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2023.

VIANA, Luana. “O Uso do *Storytelling* no Radiojornalismo Narrativo: um Debate Inicial Sobre Podcasting”. *RUMORES*, [S. l.], v. 14, n. 27, pp.286-305, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/167321>. Acesso em: 06 abr. 2023.

VICENTE, Eduardo. “Do Rádio ao Podcast: as Novas Práticas de Produção e Consumo de Áudio”. *Emergências Periféricas em Práticas Midiáticas*. São Paulo: ECA/USP, 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002906541.pdf>. Acesso em: 16 out. 2022.

VICENTE, Eduardo; SOARES, Rosana Lima. “Radio Ambulante e a Tradição do Podcast Narrativo no Radiojornalismo Norte-americano”. In: 29º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2020, Campo Grande. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003009492.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2023.